

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

BRUNNA EMANUELE SOARES LAGO

**A QUESTÃO MÍDIA-ESTADO NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DA REDE DE
COMUNICAÇÃO AL JAZEERA**

**GOIÂNIA
2022**

BRUNNA EMANUELE SOARES LAGO

**A QUESTÃO MÍDIA-ESTADO NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DA REDE DE
COMUNICAÇÃO AL JAZEERA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito, Negócios e
Comunicação da Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel(a) em Relações Internacionais.
Orientador(a): Dr. Danillo Alarcon

GOIÂNIA

2022

Lago, Brunna Emanuele Soares. 2022.

A questão mídia-Estado no século XXI: uma análise da rede de comunicação Al Jazeera/ Brunna Emanuele Soares Lago. – Goiânia, 2022.
Total de folhas: 63 f. il.

Orientador: Prof. Dr. Danillo Alarcon

Monografia (Curso de Graduação em Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação, Goiânia, 2022.

1. Mídia. 2. Poder. 3. Estado. 4. Relações Internacionais. I. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Direito, Negócios e Comunicação. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

BRUNNA EMANUELE SOARES LAGO

A QUESTÃO MÍDIA-ESTADO NO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE DA REDE DE
COMUNICAÇÃO AL JAZEERA

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Direito, Negócios e
Comunicação da Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel(a) em Relações Internacionais.
Orientador(a): Prof. Dr. Danillo Alarcon

Aprovada em 06 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Danillo Alarcon (Orientador – PUC Goiás)

Dr. Pedro Araújo Pietrafesa (PUC Goiás)

Me. Guilherme Augusto Batista Carvalho (PUC Goiás)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador, pela atenção e suporte durante todos os meses de elaboração deste trabalho. Agradeço à banca pela leitura atenciosa e pelo tempo dedicado a avaliação. Por fim, gostaria de agradecer aos meus familiares e amigos por todo o apoio durante esse período importante da minha vida.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre mídia e o Estado no século XXI, bem como a motivação e interesse estatal em investir na disseminação de mídias estatais, a partir do estudo de caso da rede Al Jazeera do Qatar. Essa análise acontecerá à luz de conceitos-chaves nas Relações Internacionais como poder brando e globalização, uma vez que com a evolução do sistema, novas formas de influência alteraram as configurações políticas de se lidar com outros atores. Não obstante, com o fluxo em que se dão os fatos no mundo globalizado e com a relevância da queda das barreiras ocasionadas pelos meios de comunicação, as lentes às quais as informações refletem, podem moldar o comportamento e as visões de mundo daqueles que as recebem. Para tal, o trabalho partirá da obra teórica de Joseph Nye (2011), especialmente sobre a questão do “poder brando”, e perpassará outros fenômenos globais como política internacional, linguagem e mídia. Através de uma revisão bibliográfica será estudado o caso da rede de comunicação estatal Al Jazeera (Qatar) que impactou o fluxo de notícias ao redor do mundo. A pesquisa aponta como essa rede midiática pode ser usada como um instrumento estatal para exercício de poder brando e disseminação de pontos de vista alternativos no sistema internacional tanto em sua versão árabe como em sua versão internacional, ambas com grande notoriedade e influência na atualidade.

Palavras-chave: Mídia; Poder Brando; Estado; Al Jazeera.

ABSTRACT

The present research aims to analyze the relationship between the media and the State in the 21st century, as well as the motivation and state interest in investing in the dissemination of state media, with the study case of the network Al Jazeera. This analysis will take place in the light of key concepts in International Relations such as soft power and globalization, since with the evolution of the system, new forms of influence changed the political configurations of dealing with other actors. However, with the flow in which the facts take place in the globalized world and with the relevance of the fall of barriers caused by the media, the lenses to which the information reflects can shape the behavior and worldviews of those who receive it. To this end, the work will start from the theoretical work of Joseph Nye (2011), especially on the issue of "soft power", and will permeate other global phenomena such as international politics, language, and media. Through a bibliographic review, it will be studied the case of the state-owned communication network Al Jazeera (Qatar), that impacted the flow of news around the world. The research points out how this media network can be used as a state instrument for the exercise of soft power and the dissemination of alternative points of view in the international system, both in its Arabic and international versions, both with great notoriety and influence today.

Key Words: Media; Soft Power; State; Al Jazeera.

LISTA DE FIGURAS/QUADROS

IMAGENS

Imagem 1 – Página inicial da Al Jazeera English no YouTube	41
Imagem 2 – Vídeos recentes no canal da Al Jazeera English no YouTube	42
Imagem 3 – Resumo das estatísticas da Al Jazeera English no YouTube	43
Imagem 4 – Médias sobre o canal do youTube da Al Jazeera English	43
Imagem 5 – Configuração recente da página inicial do website da Al Jazeera English	44
Imagem 6 – Infográfico sobre a composição do público da AJE online	45
Imagem 7 – Resumo e médias das estatísticas da Al Jazeera Arabic no YouTube	46

TABELA

Tabela 1 – Comparação entre o número de inscritos da AJE e de outras grandes redes de comunicação global	42
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A RELAÇÃO MÍDIA-ESTADO: O DEBATE SOBRE PODER NA CONTEMPORANEIDADE.....	12
1.1 ESTADO PODER E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	12
1.2 INTERCÂMBIOS GLOBAIS E A PROJEÇÃO DE PODER DE ESTADOS PERIFÉRICOS	17
1.3 MÍDIA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	20
1.3.1 O caso da TeleSUR	24
1.3.2 O caso da <i>Russia Today</i> (RT)	26
2 ESTUDO DE CASO AL JAZEERA: UMA ANÁLISE DA REDE E SEU RELACIONAMENTO COM O QATAR	31
2.1 BREVE HISTÓRICO DO QATAR	31
2.2 A CRIAÇÃO E A ATUAÇÃO DA AL JAZEERA NO MUNDO ÁRABE	34
2.3 A AL JAZEERA INTERNACIONAL – VERSÃO EM INGLÊS	38
2.3.1 O comparativo entre <i>Al Jazeera English</i> e <i>Al Jazeera Arabic</i>	41
2.4 DISPUTAS DO QATAR E A INTERMEDIÇÃO DA AL JAZEERA	48
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea tornou-se comum a influência que os meios de comunicação podem exercer sobre os indivíduos. A mídia foi munida de influência na política, economia, cultura e demais âmbitos, tendo seu alcance ampliado pela globalização. Entendendo à proporção que a mídia angariou ao ser equipada pelo consumo massivo na era da informação, esse instrumento atraiu atenção dos Estados, sendo mais do que via informativa, mas também instrumento estratégico em prol dos interesses estatais. No sistema internacional, onde os Estados são atores principais, e o mecanismo de equilíbrio de poder propicia um ambiente desfavorável ao uso de força bruta, a mídia, além de estratégica, se torna um poderoso instrumento de poder brando estatal.

O fenômeno da comunicação nas relações internacionais não é uma novidade, mas a proporção e as formas pela qual tem sido utilizada, de fato, são inovadoras. As mídias hoje são massivas, contendo altos volumes de informações e caracterizadas por um fluxo veloz no espaçamento entre o ocorrido e o divulgado. Esse cenário apontou para uma alternativa de utilização das mídias para a formatação de imagens e agendas, bem como de disseminação de pontos de vista, especialmente para Estados que não podiam explorar de forma ampla o modo tradicional de influência do sistema: o poder duro.

Sendo um dos principais objetivos desse ator projetar poder visando influência e estabilidade, essa estratégia foi adotada por muitos Estados considerados periféricos, chamados assim tomando em referência os centros de poder mundial, como por exemplo, países sul-americanos e asiáticos. A Rússia, apesar de grande potência econômica, bélica e territorial, também é mantida as margens desse centro de influência majoritariamente ocidental muito por suas tradições e ideologias distintas. Esses Estados apostaram recursos para investir na criação de redes de telecomunicação que seriam braços direitos e seus porta-vozes além das fronteiras nacionais. Dentre alguns dos exemplos citados acima, a rede de comunicação Al Jazeera, financiada pelo governo catarense, se destaca em relevância, inovação e credibilidade.

O Qatar, país analisado neste trabalho, tem sua história marcada por um contexto de disputas com seus vizinhos regionais, que perpassam por questões territoriais, econômicas, políticas e ideológicas. O país foi palco de um golpe de Estado

pacífico efetuado por Hamad Bin Khalifah em seu pai no ano de 1995 (ROBERTS, 2012) e desde então, sob novo governo, seus objetivos políticos, incluindo suas alianças e fluxo de investimentos, foram alterados. Nas últimas décadas o Qatar tem persistentemente buscado meios para sua ascensão no sistema internacional.

Nesse cenário de alterações de aliança e principalmente de novos direcionamentos na política externa, objetivando maior destaque e autonomia no cenário internacional, o governo do Emir do Qatar investiu na criação de uma potente voz. Em 1996 a Al Jazeera foi criada, a rede de comunicação de origem árabe foi fundada e financiada pelo governo catarense atraiu atenção uma vez que “pretendia que o trabalho em rede fosse uma ferramenta de soft power do Qatar” (SAMUEL-AZRAN, 2013 apud AJAOU; ELMASRY, 2020, p. 229, tradução nossa). Cabe ressaltar que houve mudança na personalidade jurídica dessa rede que, atualmente é considerada uma empresa privada para benefícios públicos, o que a torna ainda mais atrativa para análise com base na presente ótica de pesquisa.

Roberts (2012) explana que, nesse período, o Qatar tinha uma tarefa difícil: criar bases sólidas em uma região altamente competitiva. Dessa forma, a fundação da Al Jazeera foi entendida como uma vantagem sobre os demais países vizinhos ao mesmo tempo em que projetava a região como destino cultural e econômico para um público externo. Assim, por meio do auxílio da Al Jazeera, o Qatar conseguiu construir e disseminar em torno de si uma marca “positiva, populista e esclarecida” (ROBERTS, 2012, p. 236, tradução nossa).

Tal Samuel-Azran (2013), com análises empíricas das coberturas da Al Jazeera, aponta que essa rede é modelo bem-sucedido de uma forma híbrida de diplomacia estatal realizada através das mídias. Outros Estados que tentam fazer uso dessa estratégia ainda não conseguiram obter a credibilidade necessária para alcançar com proeminência os objetivos de suas agendas usando das mídias (SAMUEL-AZRAN, 2013). Esse é o caso, por exemplo, da Russia Today (RT), rede de comunicação estatal russa considerada braço estratégico da agenda ideológica e política do Kremlin.

Nesse sentido, o presente trabalho pretende estudar a motivação e o interesse no desenvolvimento e disseminação de mídias estatais, a partir do estudo de caso Al Jazeera. A coleta de dados e informações necessárias ao trabalho se dará através de livros, artigos, bancos de dados e dos sites e plataformas oficiais da rede Al Jazeera. O estudo de caso se dará, primeiramente, por uma perspectiva comparativa entre os

canais em árabe e em inglês da Al Jazeera, seguindo com esse comparativo entre a rede e o Qatar. A pesquisa objetiva entender melhor como a mídia se tornou um mecanismo de poder dos Estados periféricos, além de analisar quais fatores propiciaram e quais motivaram o investimento dessas redes estatais vinculada à noção de poder brando. Noção essa estudada e popularizada por Joseph Nye, estudioso das relações internacionais, que será amplamente abordado nesta monografia, tendo suas contribuições ao campo tomadas como base para o desenvolvimento do trabalho.

Esta monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro dedicado a análises das teorias presentes nas relações internacionais que são imprescindíveis para o entendimento da realidade atual. Dessa forma, na primeira parte são apresentados os conceitos de poder brando, poder duro, globalização, projeção de poder, mídia e linguística, bem como uma breve referência aos casos da TeleSUR, da Venezuela, e da RT, da Rússia.

O capítulo dois é dedicado ao estudo de caso da rede de comunicação árabe Al Jazeera que, como citado anteriormente, se destaca no que concerne às mídias estatais. Nesse momento é apresentada uma contextualização do seu estado financiador tal qual o contexto de sua criação, dados principais que apontam a relevância que essa rede alcançou ao longo dos anos frente a demais redes tradicionais ocidentais e por fim, como o Qatar e a Al Jazeera se ligam, de forma prática, diante de seus dilemas estatais. Por fim, são apresentadas as conclusões.

1 A RELAÇÃO MÍDIA-ESTADO: O DEBATE SOBRE PODER NA CONTEMPORANEIDADE

Mídia e Estado inicialmente seriam tópicos centrais de diferentes campos de estudo, contudo nos últimos anos a mídia ganhou um protagonismo nunca visto no cenário internacional. Não se pode negar que o responsável por grande parte desse crescimento do papel midiático nas relações internacionais se deu pela evolução dos aparatos tecnológicos, porém, essa não foi a única.

Dentre diversos pontos que podem ser levantados, cabe a esse estudo analisar que o estreitamento da relação mídia-estado se deu pelo entendimento de poder como um elemento de conexão e meio para determinados fins. A mídia contemporânea levou questões políticas para além das fronteiras, os Estados viram então uma oportunidade de utilizá-las para uma conversão positiva de opiniões e de uma difusão de verdades próprias a nível macro, se tornando assim, um rico instrumento de poder brando.

1.1 ESTADO, PODER E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

No campo das Relações Internacionais, há conceitos e elementos que são sólidos e amplamente debatidos. Dentre esses, um dos mais aludidos, independente da vertente em análise, é o Estado. Mesmo que seja uma crença limitante o achismo de que as relações internacionais e seus movimentos se resumem aos Estados, devido seu peso acadêmico e prático, não o apontar como fator de extrema relevância também é enganoso. Isso é reforçado por Reinaldo Gonçalves (2005, p. 33), que descreve o Estado como detentor do papel predominante nas relações e no cenário internacional, uma vez que ele é formado por elementos expressivos tais quais território, população e governo e objetiva, desde sua criação, a organização da sociedade e de suas relações.

Longe de ter um consenso conceitual, esse agente das Relações Internacionais é complexo em suas funções e características. Neste presente trabalho, o Estado soberano será apresentado de acordo com Adam Watson (2004, p. 14) como sendo “autoridades políticas independentes (unitárias ou confederadas) que não reconhecem nenhum superior”. Esse ator principal que não consegue ser homogêneo, nem mesmo singular, no sistema internacional tem suas relações marcadas pela forte

assimetria quando se trata de poder político e demais forças (GONÇALVES, 2005, p.34).

Com a compreensão do que é o Estado e de seu protagonismo nas Relações Internacionais, é possível caminhar para as relações profundas que tocam esse ator. Pode-se enxergar uma complexa rede de conexões que são estabelecidas a partir do Estado, desde as mais básicas, com o entendimento geopolítico de estado como espaço vital, aos mais complexos, como por exemplo a teoria da interdependência complexa que analisa o emaranhado de ligações entre diversos atores e suas ações no cenário internacional.

Os Estados, evidentemente, já não vivem isolados, sobretudo com o desenvolvimento das redes de comunicação, com as práticas de comércio internacional, com o surgimento de inúmeras Organizações, intercâmbio de pessoas e de tantos outros mecanismos que os conectam. Hedley Bull (2002) propõe a noção de sociedade internacional, na tentativa de explicar a forma como os Estados se relacionam atualmente. Assim, Bull (2002) pressupõe o compartilhamento de valores e instituições comuns, complementando Watson (2004, p. 12) quando escreve que “nossa atual sociedade internacional é incompreensível se examinada de forma isolada”.

Devido a essa constante evolução, aparatos foram sendo desenvolvidos para que a ordem nessa sociedade internacional prevalecesse. O Estado, diante disso, aperfeiçoou os meios pelo qual poderia alcançar um de seus objetivos primordiais: a constante projeção de poder. Alterando-se de acordo com a ótica em perspectiva, poder para os Estados pode servir para manutenção do *status quo*, para a destruição dele e até mesmo para sobrevivência. Como apontado por Kenneth Waltz (2002, p. 130 apud CORRÊA, 2016, p. 46):

Além do motivo da sobrevivência, os objetivos dos estados podem ser muito variados; podem ir desde a ambição de conquistar o mundo ao mero desejo de serem deixados em paz. A sobrevivência é um pré-requisito para alcançar qualquer objetivo que os estados possam ter, excluindo a promoção do seu próprio desaparecimento como entidades políticas

É possível entender o poder como um objetivo do Estado, mas também é notável a sua influência na própria criação desse ator, o que traz ao centro do debate a indissociabilidade entre eles. Fernanda Corrêa (2016, p. 40) aponta que o embate por poder é o “responsável pela criação do Estado e por configurá-lo dentro de valores

éticos". Tanto o Estado quanto o sistema de Estados são frutos deste embate histórico. Assim, se solidifica a certeza que poder e Estado se correlacionam, de forma a se moldarem e se influenciarem desde os primórdios.

Notavelmente o poder nas relações internacionais é razão de um debate que se estende e transita pelas escolas desse campo, tal qual a noção de Estado, ocasionando então um grande volume de estudos dedicados a entendê-lo melhor, uma vez que o poder além de inerente, é irrestrito às relações sociais. Mesmo que se mostrando de diferentes formas, a todo momento o ser humano exerce poder e é influenciado por ele mesmo que isso se dê forma inconsciente. E sendo peça fundamental das relações humanas e nos Estados, esse desejo intrínseco pelo poder é identificado com frequência.

Hans Morgenthau (2003, p. 51) em complementa o debate ao apresentar poder como “o controle do homem sobre as mentes e ações de outros homens” destacando principalmente o uso da política como forma de poder no cenário internacional sendo essa um meio para o Estado alcançar os objetivos da nação. O poder político, deste modo, é assimilado na realidade internacional quando existe uma relação entre dois lados onde o que exerce poder, o faz ao influenciar a mente oposta sendo, por isso, capaz de induzir algumas de suas ações (MORGENTHAU, 2003, p. 51).

Em concordância às ideias propostas por Morgenthau (2003), Joseph Nye (2011), em seus diversos escritos sobre poder propõe que essa variável seja estudada no contexto da relação de influência, sobre a qual atua a política. Apesar de não ter uma definição única, para Nye (2011, p. 6, tradução nossa), poder é “capacidade de fazer coisas e influenciar os outros a fazer aquilo que queremos em situações sociais”. Esse autor vai a fundo em seus estudos sobre a ótica do poder e traz que o mesmo pode ser caracterizado como recurso e como capacidade de gerar resultados.

A capacidade de gerar resultados, visão adotada no contexto desta análise, se apresenta por três faces: uso de recompensas ou ameaças para mudar as preferências; controle de agenda; e moldagem de crenças e percepções (NYE, 2011). Análise essa, que pode ser enriquecida pelo apontado anteriormente por Morgenthau (2003, p. 52) que expressa que essa indução a ações emanadas do exercício do poder, pode ser movida por gerar benefícios, por se relacionar com medos ou por gerar sentimentos de empatia e identificação (MORGENTHAU, 2003, p. 52). Assim, aperfeiçoando as teorias realistas das Relações Internacionais, atualmente, aqueles

que fazem política devem entender que a influência sobre as agendas e crenças podem ser tão tangíveis quanto a força.

Ainda conforme Joseph Nye (2011, p. 21, tradução nossa), essa forma de um Estado buscar seu espaço no cenário internacional utilizando de artifícios imateriais se dá pelo uso do chamado poder brando, ou seja, pela “capacidade de afetar os outros por meios cooptivos de enquadrar a agenda, persuadir e provocar atração positiva, a fim de obter os resultados preferidos”. Nye (2011) entende que o poder brando repousa em três recursos basilares: 1) cultura, onde comportamento se alinha a lógica de poder e exerce forte influência social; 2) valores políticos, exercidos interno e externamente e; 3) política externa, objetivando legitimidade e autoridade moral.

A partir destes recursos, o poder brando pode afetar seus alvos tanto de forma direta, quando causam atração por suas ações ou, indireta, quando buscam atingir seus objetivos primeiro influenciando terceiros e através disso gerando uma espécie de persuasão coletiva (NYE, 2011). O uso do poder brando pode em um primeiro momento parecer bem menos intimidador do que demonstrações militares, porém contrariando o instinto primário de guerra do ser humano como Hobbes (2003) apresenta, o poder brando também pode ser uma arma extremamente potente. Essa forma de poder apresenta características que são valiosas, como a dificuldade de se empregar e o alto custo, uma vez que envolve fatores mutáveis como cultura, valores políticos e política externa (NYE, 2011).

Tal é a influência do poder brando na atualidade que fatores sociais básicos, como os valores individuais, podem ser moldados por ele e podem se tornar ferramentas políticas, sejam elas positivas ou não (NYE, 2011), considerando que nas Relações Internacionais o certo ou errado são perspectivas moldadas por contextos e realidades. Isso fica evidente quando se observa que a influência das múltiplas formas de poder brando vem sendo estrategicamente utilizado por potências ocidentais para difundir valores econômicos e sociais (LI, 2018).

Em uma atualização de sua própria escrita, Nye (2021) aponta como o poder brando foi uma alternativa à situação de dominação e dominado presente nos conceitos puramente realistas de equilíbrio de poder. O autor ressalta o fato de que esse elemento é certamente transmitido no presente cenário, seja essa transmissão feita de forma clara ou não, mas reforça que diante da volatilidade atual nada é simplista. Por isso, demonstra a profunda importância de o poder vir acompanhado de motivações e objetivos (NAGEL, 1975 apud NYE, 2021) ao tocar o campo das

percepções individuais e coletivas, uma vez que a manipulação desses meios não significa, necessariamente, o alcance dos objetivos desejados já que o contexto em que é aplicado se faz determinante (NYE, 2021).

Existem insistentes críticos ao conceito e uso do poder brando como forma de influência dos Estados e demais atores. Wolfgang Streeck (2018 apud LI, 2018, p. 3, tradução nossa), por exemplo, adverte que o poder brando está

ultrapassando a capacidade das sociedades nacionais e organizações internacionais de construir instituições eficazes de governança sociopolítica, gerando uma crise geral de governabilidade político-econômica

Nye (2021, p. 11) por sua vez contrapõe ao dizer que “o poder brando era apenas um componente do poder nas relações internacionais e raramente suficiente por si só”. Assim, defende que o uso dessa forma de poder vem como uma nova face de forma a somar a busca do objetivo histórico dos Estados, não podendo, de forma isolada, ter capacidade para causar crises de governabilidade.

Por sua vez, Eric Li (2018, p. 4, tradução nossa) reafirma a postura realista de que o poder brando é “muito frágil e facilmente modificável”, e vai a favor do poder duro, que para ele está presente em todos os lugares. Outros como Gelb (2009) e Layne (2010) criticam a substituição do poder duro para o brando. Em contraste, o argumento de Joseph Nye (2011, p. 20), difusor do termo, opõe-se a esses extremismos ao trazer que “estratégias inteligentes devem ter componentes de informação e comunicação, Estados lutam pelo poder de definir normas, e o enquadramento das questões ganha importância” uma vez que mais que o poder duro, o brando precisa que sua atuação efetiva seja no campo psicológico do interesse.

Morgenthau (2003) reflete que a luta pelo poder é uma constante histórica que independe de tempo, espaço e quaisquer outras condições econômicas e sociopolíticas, isso reflete o que há em comum nessas abordagens: a percepção de que a relação do Estado e a projeção de poder caminham juntos no cenário globalizado. Com as cadeias de relacionamento e dependência cada vez mais estruturadas, o poder brando em suas múltiplas formas, especialmente demonstrado através do poder político, avança como instrumento para alcançar diferentes objetivos.

1.2 INTERCÂMBIOS GLOBAIS E A PROJEÇÃO DE PODER DE ESTADOS PERIFÉRICOS

Tratando-se de poder brando em um mundo globalizado, cabe esclarecer o que se entende por globalização. Ulrich Beck (1999, p. 46-47) entende globalização como:

experiência cotidiana da ação sem fronteiras nas dimensões da economia, da informação, da ecologia, da técnica, dos conflitos transculturais e da sociedade civil, e também o acolhimento de algo a um só tempo [...] a globalização significa o assassinato da distância, o estar lançado a formas de vida transnacionais, muitas vezes indesejadas e incompreensíveis.

A globalização aconteceu em um processo adjacente, senão complementar, da chamada “interdependência complexa”, conceito amplamente difundido por Keohane e Nye (2012) como uma situação política onde nenhum movimento é tido como isolado. Pode-se fazer uma analogia ao “efeito borboleta”, assim, o que um Estado faz afeta, direta ou indiretamente, outros Estados e/ou atores que compõem o sistema internacional.

Esse processo de dependência mútua no sistema internacional, de acordo com Clark Reynolds (1980) é evidenciado como uma consequência do intercâmbio global que afeta o mundo por meio de esferas, onde seus desdobramentos resultam no quadro complexo que se vê hoje. Essas representativas esferas são o “comércio internacional de bens e serviços, fluxos internacionais de capital, transferências internacionais de tecnologia e migração internacional de trabalhadores” (REYNOLDS, 1980, p. 36), assim, as diferentes relações que se estabelecem no sistema, perpassam e são tidos como produtos desses macrofluxos.

A globalização abala não só o que é tangível, mas igualmente o intangível. Octavio Ianni (1998, p. 27) expressa que com esse fenômeno “o mapa do mundo revelou-se movediço e quebradiço, refletindo uma espécie de mega terremoto, simultaneamente geohistórico, econômico, político e cultural” e que essa situação empurra a sociedade, como um todo, a reconsiderar o que pensa e o que faz. Fato esse também entendido por José Luís Fiori (1995, p. 8) quando afirma que a nova formatação mundial gerou uma reestruturação do espaço e “uma claríssima re-hierarquização de seus centros decisórios”.

Mesmo que o entendimento conceitual sobre o que é globalização seja relativamente simplista, compreende-se que por trás de todo o fenômeno, existem questões complexas e plausíveis de debate. Mesmo não sendo centro desse atual

trabalho, é inevitável apontar que a globalização é um fenômeno correspondente a hegemonia do sistema capitalista mundial e é tido como um possível novo rosto do imperialismo, que agora com suas diferentes formas se torna global, atravessando todas as barreiras, afetando nações “centrais” e “periféricas” (IANNI, 1998). Assim, essa globalização capitalista “implica sempre e necessariamente o desenvolvimento desigual, contraditório e combinado” (IANNI, 1998, p. 28).

Fritjof Capra (1996 apud FAGÚNDEZ; SILVA, 2016) abre um parêntese nessa discussão de cunho socioeconômico e aponta que essa visão imperialista de se colocar ver como superior ultrapassa esse primeiro degrau de entendimento e abrange até mesmo elementos culturais. O autor, por exemplo, indica que a visão do que hoje é o ocidente foi criada para se sobressair ao que era o oriente, conhecido por suas ricas e místicas crenças que não se encaixariam na racionalidade das revoluções desejadas. O pensamento de Fiori (1995) contribui a isso defendendo que a divisão atual do mundo não gira apenas ao redor de fatores socioeconômicos, mas também alcança questões de sujeições culturais entre essa relação dominante-dominado.

Assim, Fagúndez e Silva (2016) reforçam que incentivados por esse senso de superioridade, evidenciados pelas desigualdades na era da globalização, a relação entre grandes potências se formata a partir de relações de poder de igual para igual, mesmo que demonstradas de formas distintas. Diferentemente das relações dessas potências em lidar com países em desenvolvimento, onde essa ponte se molda pela visão de subalternidade das primeiras para com as segundas. O exposto por Fiori (1995, p. 13) soma-se a essa discussão ao apontar que a globalização evidentemente tem sido fator de peso na polarização mundial, seja em termos econômicos, políticos ou sociais, esse fenômeno “mantém e aprofunda os relacionamentos entre centro e periferias”.

No que toca a essa visão de desigualdade, Fagúndez e Silva (2016) explicam essa divisão de mundos socialmente construídos como sendo o relacionamento entre Estados considerados ricos e Estados considerados pobres. Esse primeiro grupo de Estados econômico e politicamente fortes, portanto poderosos, são tidos como centro no sistema internacional. Enquanto o segundo grupo composto por países com desenvolvimento tardio, são considerados periféricos, ou seja, se encontram às margens, nunca sendo agenda prioritária no cenário internacional (FAGÚNDEZ; SILVA, 2016).

Alguns pesquisadores acreditam na influência da globalização sobre as desigualdades entre e dentro dos Estados, alguns vão além ao acusar o fenômeno de ser responsável por crises mundiais (ALMEIDA, 2014). Octavio Ianni (1998, p. 27) reflete que “em todo o mundo, ainda que em diferentes gradações, multiplicam-se as interrogações e as convicções nas quais ressoam utopias, nostalgias e escatologias sobre o destino de indivíduos e coletividades”. Assim, independente de quão profunda seja a relação entre globalização e desigualdade, o fato inegável é de que no contexto do estudo das relações de poder entre Estados, esse fenômeno evidenciou a divisão existente entre potências e periferias, além de trazer consigo não só interrogações, mas apontamentos as diferentes rotas para o exercício do poder global por diferentes atores.

Crítico do universalismo europeu e norte-americano, Immanuel Wallerstein (2007) entende a divisão do mundo como eixos geopolíticos e geoculturais, norte-sul e ocidente-oriental, criada por uma divisão do trabalho do mundo capitalista que reverbera na política, economia e outras. Essas divisões socialmente construídas apontam a necessidade de países fora do "centro" de reafirmarem suas respectivas verdades diante das verdades facilmente disseminadas pelas grandes potências globais.

Wallerstein (2007) reforça o entendimento de como países orientais, latino-americanos, e até mesmo potências territoriais, mas não culturais, como a Rússia, se deparam com um sistema-mundo entretido pela retórica universalista como justificativa das ações, sejam elas materiais ou não, de Estados como Grã-Bretanha e Estados Unidos. Para Schiller (1976 apud SAMUEL-AZRAN, HAYAT, 2017, p. 3, tradução nossa) esse cenário é prejudicial porque

corrói a autonomia cultural desses países [não ocidentais], pois os valores de consumo capitalista estão sendo injetados através de publicidade e programas de televisão em audiências não ocidentais nos corações e mentes.

Isso é reafirmado por Anthony Smith (1980 apud POWERS, 2010, p. 80, tradução nossa) ao notar que

a enorme disparidade nos fluxos internacionais de notícias e comunicação cultural está diretamente relacionada às disparidades políticas e econômicas que separam o chamado 'Sul' do industrializado 'Norte

Esse cenário, de acordo com Wallerstein (2007) se mostra por três faces de influência global: o centro sendo colocado como único defensor dos direitos humanos e da democracia; a superioridade do ocidente sobre o oriente; e a singularidade da política neoliberal capaz de engolir aqueles que não se ajustam a ela. Wallerstein (2007, p. 27) ainda afirma que “a luta entre o universalismo europeu e o universalismo universal é o embate ideológico central do mundo contemporâneo”, ou seja, a disputa de versões dos fatos entre os “centros culturais” e o “resto” demandam grande energia no sistema internacional.

Devido às limitações ao uso do poder duro, e com a realidade de que a globalização, mesmo aprofundando as relações de dependência, caminha mais para um lugar de evidência das diferenças do que para um cenário de hegemonia, países que rodeiam o centro de influência global há algum tempo tem buscado estratégias não tradicionais para ampliar suas vozes. Zakaria (2008 apud COBAN, 2016, p. 48, tradução nossa) aponta: “a mídia está influenciando a política mundial criando uma arena poderosa para narrativas, argumentos e suposições não ocidentais contra os pontos de vista ocidentais dominantes nas notícias”. Dessa forma, com o grande trunfo que o poder brando adquiriu no sistema internacional, somado ao peso que os discursos sempre tiveram em alcançar pessoas e objetivos, esses Estados têm investido no uso do poder brando para disseminar suas versões de fatos através das mídias.

1.3 MÍDIA E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A globalização em conjunto com a interdependência, ambos grandes fenômenos da contemporaneidade, ampliaram o caminho para que meios midiáticos e suas formas de representação se tornassem instrumentos extensamente difundidos e eficazes quando usados como meio de projeção de influência pelos Estados. Ideia essa reafirmada por Filiz Coban (2016, p. 46, tradução nossa) quando analisa que

na última parte da década de 1980, a entrada do pós-modernismo nas RI encorajou o fortalecimento dos discursos não-estatais, enquanto a organização da sociedade civil e os cidadãos individuais foram reconhecidos como novos atores internacionais que expandiram suas influências além das fronteiras para o nível internacional usando o poder das novas tecnologias de comunicação e meios de comunicação de massa.

Assim, como representante dessas novas faces das tecnologias de comunicação, as mídias apresentam em sua estrutura básica a linguagem, e demonstram que a construção do discurso é imprescindível na elaboração de ideias. Posição afirmada por Onuf (1998) e Wendt (1992), que indicam que a linguagem nas Relações Internacionais pode ter força para mudar visões individuais. Usando da linguagem como instrumento de influência na construção de pensamentos e podendo ser manuseada como uma das formas de poder brando para os Estados “os meios de comunicação reconstituem, por meio de aparatos tecnológicos, as estruturas de poder simbólico que orientam a experiência social” (THOMPSON, 1998 apud BOMFIM, 2010, p. 5).

O uso do poder brando, como meio de estratégias políticas na disputa das versões dos fatos, já vem sendo utilizado há muitos anos. Durante a Grande Guerra, por exemplo, os Estados Unidos usaram propagandas midiáticas em massa para moldar o sistema com aquilo que tinha como verdade e objetivo estatal (MANELA, 2007). O presidente Woodrow Wilson via a Guerra como um conflito de ideias e a propaganda como elemento central, tendo como objetivo a substituição de crenças (WELLS, 1914 apud MANELA, 2007).

A grande diferença se dá no alcance, uma vez que nos dias de hoje se tem uma concepção de mídia em massa. Como John Thompson (2002, p. 32) apresenta, trata-se de:

uma série de fenômenos que emergiram historicamente através do desenvolvimento de instituições que procuravam explorar novas oportunidades para reunir e registrar informações, para produzir e reproduzir formas simbólicas, e para transmitir informação e conteúdo simbólico para uma pluralidade de destinatários.

Analisando o quadro por completo, a mídia tem se mostrado peça essencial para a política, como afirma Richard Fagen (1971, p. 30 apud OLIVEIRA, 2010, p. 149) ao indicar que a comunicação altera aspectos da política e que “quase todo comportamento político implica algum tipo de atividade de comunicação”.

Eytan Gilboa (2002) acredita que a mídia trabalha adotando uma função constrangedora, como instrumento de mobilização, influenciando os processos decisórios e levando outros atores a reorganização daquilo que seriam prioridades. Matthew Harmon (1999) atribui ao uso da mídia a função catalisadora relacionada à modernidade e instantaneidade que ela adquiriu com os anos. Harmon (1999, p. 2)

caracteriza a velocidade atual da mídia como uma carga extra aos formuladores de política, forçando decisões que sem elas não seriam tomadas tão rapidamente.

Desse modo, Rafael Santos de Oliveira (2010, p. 176-177) afirma que:

a mídia é um instrumento (um meio) que outros atores podem utilizar para auxiliar as negociações políticas e atingir a opinião pública junto à comunidade internacional, sem, contudo, partir da mídia essa iniciativa de mediação.

Gilboa (1988) contribuindo com esse ponto apresenta um termo que mescla os campos das Relações Internacionais ao da Comunicação, aprofundando o entendimento sobre o conteúdo em questão. O termo diplomacia midiática “refere-se à utilização da mídia por líderes políticos para manifestar interesse na negociação e construir a confiança e mobilizar o apoio público para acordos” (GILBOA, 1988, p. 62-63). Gilboa (1988) e Oliveira (2010) se complementam ao apresentar essas ideias e reafirmar que, desde a Guerra Fria, uma das grandes tendências dos Estados é a utilização do plano simbólico e comunicativo para a defesa de seus interesses.

Essa relação de influência mútua entre mídia, política de poder e Estado muitas vezes se apresenta de forma camuflada, o que não diminui a sua assertividade. Oliveira (2010) retoma o teórico das Relações Internacionais Joseph Nye e suas análises sobre poder brando a ligando a disseminação de notícias. No mundo formado por um fluxo intenso de notícias dos mais diversos conteúdos, aquele ator que primeiro consegue identificar e filtrar de forma correta e crítica as informações é aquele que detém o poder brando (OLIVEIRA, 2010, p.170).

Dessa forma, o autor (2010, p. 150) evidencia os meios de comunicação massiva como essenciais à formação e circulação de decisões por parte dos Estados e da construção de sua imagem perante o mundo, bem como sua influência profunda na formação e priorização das agendas desses atores soberanos. A comunicação é elemento fundamental nas relações internacionais “tendo em vista que a superioridade no campo da comunicação permite a um Estado conduzir eficazmente uma campanha informativa de forma a projetar a sua própria imagem perante os demais” (LAURANO, 2006, p. 14 apud OLIVEIRA, 2010, p. 157).

Oliveira (2010) denomina algumas funções da mídia nesse contexto, sendo elas a de servir como guia daquilo que é relevante, ou seja, a mídia sendo veículo indicativo daquilo que é importante e deve ser comentado, e uma segunda função

como sendo a de palco para o alcance de objetivos maiores. Segundo Roger Cobb e Charles Elder (1981, p. 392) quando inserida nessa função de canal “a mídia apresenta-se essencialmente como intermediária, mas quando desenvolve tal função produz ativamente significado à informação, elaborando interpretações”.

No que tange às interpretações, após discorrer as funções e o poderio das mídias, retoma-se agora a relação que se tem entre mídia e as diferenças apresentadas pelas divisões do mundo globalizado. Luis Felipe Miguel (2002, p. 163) considera a mídia como um lugar de exposição do mundo e suas variadas representações considerando os diferentes contextos da sociedade, porém “essa exposição não representa a pluralidade de perspectivas e interesses existentes na sociedade, pois a visibilidade midiática não é igualmente distribuída”.

Pode-se considerar a relação direta entre poder estatal e a força de suas respectivas mídias locais, ou seja, quanto mais influente um Estado é no sistema internacional, maior será a propagação de seus fatos através dos meios midiáticos. Oliveira (2010, p. 152) contribui com essa afirmação ao apontar que:

Em regra, a cobertura dos meios de comunicação continua estreitamente vinculada a um sistema político e de interesses econômicos e/ou estatais, que influenciam tanto na elaboração da agenda midiática como na agenda política governamental. As relações políticas representadas pela mídia, portanto, para os que não fazem parte da grande corporação da mídia ou das relações de poder político dominantes, precisam de outras técnicas para obter voz.

Assim a mídia ainda tem sido usada como instrumento para a manutenção da divisão centro-periferia quando se trata de disseminação de fatos, mesmo quando se considera que essa forma de poder brando é um dos limitados instrumentos de reação diante esse monopólio. Oliveira (2010, p. 157) aponta que os Estados periféricos estão “passando a se preocupar com o risco do desenvolvimento midiático concentrado apenas em alguns países, o que poderia gerar mais disparidade entre os países ricos e pobres”. Portanto, com a iminência dessa preocupação do desequilíbrio global midiático, que é determinada principalmente por fatores socioeconômicos, Estados têm se dedicado para que as outras versões dos diferentes eventos mundiais sejam disseminadas.

Na busca de compreender melhor como o mundo atual se organiza em torno desta luta por versões dos fatos, esse estudo abordará nesta primeira parte, de forma breve, dois casos ilustrativos: a criação da TeleSUR como instrumento político e o uso pelo Kremlin do canal de comunicação russo RT no ocidente.

1.3.1 O caso da Telesur

A Televisión del Sur, ou TeleSUR, se autodescreve como uma rede de comunicação social que busca a união dos povos latino-americanos através da promoção de um espaço amplo para a comunicação dos países do sul (TELESUR, 2022). A TeleSUR atualmente se constitui como uma emissora multiestatal, ou seja, é ligada a mais de um governo - especificamente financiada por Venezuela, Nicarágua e Cuba. Colocando-se como uma voz para a construção de uma nova ordem, a multiestatal com sede na Venezuela, aposta em conteúdos integracionistas educativos e informativos (TELESUR, 2022).

Esse canal midiático se estrutura em torno de princípios que vão além do entretenimento. Nogueira e Ribeiro (2013, p. 124) apontam que:

A TeleSUR tenta se portar como um veículo capaz de dar voz e vez aos apartados e excluídos da grande mídia – *voz a los que no la tienen*. Além disso, a intenção é que a TeleSUR também contribua para a divulgação da imagem do povo latino e caribenho em outros contextos internacionais.

De acordo com a rede, ela tem como doutrina, entre outros, a ética, vocação e transformação social, trabalho em equipe e comprometimento. É demonstrado que a TeleSUR tem seus pilares baseados nos princípios defendidos pelo político revolucionário na luta pela descolonização, Simon Bolívar, pilares esses que foram seguidos por seus sucessores, como o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez (NOGUEIRA; RIBEIRO, 2013).

A rede foi fundada como uma ideia de Chávez e Fidel Castro, ex-presidente cubano, no ano de 2005. Tendo iniciado seus trabalhos em julho do mesmo ano, no aniversário de Bolívar, a rede segue desde então, conforme se autodefine, sendo fiel em suas representações dessas figuras políticas (TELESUR, 2022).

Desde sua criação, a rede se modernizou, com isso alcançando novos meios, países e públicos. Ainda no ano de 2010, a TeleSUR já alcançava 123 países via satélite, incluindo Oriente Médio e África, e em 2013 ela adentrou o sul dos Estados Unidos, além de abrir filiais na Ásia e no norte-europeu. Em sua caminhada para a escala internacional, a TeleSUR atualmente conta com a disseminação de suas informações por meios além do televisivo, estando presente no mundo digital, com a

possibilidade de leitura em três línguas: espanhol, inglês e português (TELESUR, 2022).

Buscando fidelizar seu público em todos as frentes, a TeleSUR modernizou sua logomarca, aperfeiçoou seus meios de alcance e buscou inovar em programas que alcançaram também o público infantil e jovem. Desde sua criação, destacam-se algumas coberturas realizadas, como a cobertura única do golpe contra o então presidente Manuel Zelaya em 2009, a invasão do acampamento das FARC em 2010 e a invasão da Líbia em 2011 com fatos na contramão da narrativa hegemônica midiática (TELESUR, 2022).

Gilberto Dupas (2001, p. 118) apresenta que as redes globais “constituem a nova morfologia social na era da informação, controlando o estoque de experiência e poder”. Esse fato amplifica a necessidade vista por esse conglomerado de países latino-americanos de não só absorver informações, mas de disseminar suas próprias versões dos fatos, o que vai além da reafirmação de identidade nacional, mas é visto como uma forma de resistência coletiva frente ao imperialismo midiático (DUPAS, 2001).

O ex-presidente Hugo Chávez durante seus 14 anos de governo demonstrou inúmeras vezes a “ideia de que o jogo político se confunde com o jogo midiático” (NOGUEIRA, RIBEIRO, 2013, p. 123) colocando a comunicação como um dos alicerces de sua liderança. Chávez sempre soube fazer o bom uso do meio midiático ao constantemente buscar poder político através da utilização da diplomacia midiática, e a TeleSUR foi um de seus grandes trunfos (OLIVEIRA, 2010). Fato ilustrado especialmente durante seu governo simultâneo ao funcionamento da TeleSUR, que em seu próprio site descreve a sua presença mundial na cobertura de grandes eventos garantindo sempre mostrar “a verdade sobre os acontecimentos mundiais” (TELESUR, 2022).

Ao analisar o caso da TeleSUR sob a ótica de que a mídia pode ser usada como forte instrumento de poder brando na política, nota-se que seus esforços se voltam muito mais ao embate com os Estados Unidos, seu imponente vizinho territorial, do que a qualquer outro agente. Esse embate de caráter anti-hegemônico se arrasta por décadas, uma vez que a grande potência norte-americana estrategicamente sempre buscou influenciar os países latino-americanas de modo que, ao absorver culturalmente os povos, consiga exercer sua influência econômica e

política em seu quintal geográfico. (BELTRÁN; CARDONA, 1982 *apud* RIZZOTTO; CATALINA, 2008).

Assim podemos encontrar um ponto de convergência entre a criação da grande TeleSUR com o conflito do governo venezuelano e estadunidense. A relação entre esses dois países apresenta uma longa história de divergências quando o primeiro, ao apresentar sua postura anti-hegemônica, que posteriormente se tornou antiamericanismo e antiliberalismo, incomodou os Estados Unidos (VASCONCELLOS, 2009).

Rizzotto e Catalina (2008, p. 7) apontam que “pela primeira vez na história da América latina surge um novo ator midiático de relevância para fazer oposição à hegemonia do neoliberalismo: a TeleSUR”, vislumbrando então, um forte embate de diplomacias midiáticas entre uma potência hegemônica e uma união de países tidos como periféricos no sistema.

Com base no apontado anteriormente, Nogueira e Ribeiro (2013) contribuem com a ideia de que a iniciativa da Venezuela, e posteriormente demais países, em montar a TeleSUR se deu em grande medida pela ideia de tê-la como um meio de exercício de poder brando em uma situação de desigualdade de poder com imperialismo midiático, sobretudo estadunidense. Sobre isso, Miroslav Hroch (2000 *apud* NOGUEIRA, 2012, p. 123) afirma que

o crescimento dos movimentos nacionais tenha caminhado de mãos dadas com o avanço da comunicação e da mobilidade social, processos inseridos numa transformação mais geral da sociedade. Também não chega a ser uma novidade o papel dos meios de comunicação de massa – como um agente produtor de discursos em grande escala – em processos de “modernização” e “desenvolvimento” de países da América Latina, inseridos em um sistema internacional de hierarquização entre regiões.

A TeleSUR busca ir contra a forte tendência característica na política mundial dos países periféricos, ou em subdesenvolvimento, de ser somente quem recebe informações. Conforme refletiu Adler (1999 *apud* NOGUEIRA, 2012, p. 118), “as ideias novas ou modificadas precisam ser comunicadas e difundidas para se transformarem em causas políticas”. Usando de slogans como “Nuestro Norte Es el Sur” (TELESUR, 2022) a TeleSUR tenta assim, adotar essa postura alterando o eixo de disseminação das informações e se tornando também um disseminador de suas próprias visões dos

fatos. Com isso tem utilizado da mídia como forma de resistência a verdades tomadas como universais.

1.3.2 O caso da RT (Rússia)

Semelhantemente ao exemplo anterior, pode-se trazer ao estudo o caso de outra rede de comunicação alternativa ao *mainstream*, é o caso da estatal RT, originalmente conhecida como Russia Today. Essa rede se coloca, de acordo com seu site oficial, como uma rede para aqueles que querem questionar o que é entregue pelas grandes mídias mundiais (RT, 2022).

A RT se posiciona contrária ao fluxo do restante do mundo ao propor, em suas próprias palavras, cobrir e abordar histórias ignoradas ou distorcidas pelas demais redes de comunicação, fazendo isso sob as lentes russas para com os fenômenos globais (RT, 2022).

Sendo lançado internacionalmente no ano de 2005, o canal de comunicação que atua 24 horas por dia durante todos os dias da semana, hoje alcança mais de 100 países e tem seus conteúdos, sejam eles ao vivo ou não, entregues em seis idiomas, entre eles o inglês, espanhol e árabe.

Os números de alcance apontados pela rede são consideráveis, uma vez que indicam que sua audiência semanal gira em torno de 100 milhões de espectadores. Cabe ressaltar dados curiosos apresentados pelo site oficial como o grande público na Europa e a ocupação de fortíssima influência da RT em países árabes, ultrapassando até mesmo números das versões árabes de outras redes de comunicação global como a *CNN Arabic* e a própria *Al Jazeera* (RT, 2022).

A Rússia se encontra, durante décadas, em um cenário de atritos constantes com o que ou quem venha representar o mundo ocidental e suas ideologias. A rede de comunicação RT é um grande exemplo, dentre vários outros, de um instrumento utilizado para esse fim, questão que pode ser interpretada com o apresentado por eles em seu site oficial ao escrever que “a RT é uma organização autônoma, sem fins lucrativos, financiada publicamente pelo orçamento da Federação Russa” (RT, 2022). Ou seja, trata-se também de uma mídia financiada por um Estado.

O cenário de competitividade com esse outro lado ideológico se torna claro em suas representações, onde até mesmo em pequenos detalhes linguísticos demonstram seu antagonismo ao ocidente. Quando aborda a descrição de sua

gestão, a RT não só aponta Margarita Simonyan como a editora chefe bem-sucedida que elevou o canal a um nível internacional e a números consideráveis de audiência, mas também reforça que ela está presente entre as mulheres mais poderosas do mundo: “uma dúzia de posições acima da ex-secretária de Estado dos EUA e ex-candidata presidencial democrata Hillary Clinton” (RT, 2022).

Assim como esse uso sutil em descrições, Ilya Yablokov (2015) discorre sobre como se dá a construção das informações disseminadas pelo canal estatal Russo. Para o autor, existe um elemento conspiratório em todos os conteúdos criados por essa rede, uma vez que pela reflexão de Mark Fenster (2008 apud YABLOKOV, 2015, p. 302, tradução nossa) entende-se que

as teorias da conspiração podem se tornar um importante dispositivo de realocação de poder entre diferentes atores políticos e um elemento eficiente nas estratégias políticas; podem expor as desigualdades de ordem política, econômica e social

Como apontado por Steven Erlanger (2017, p. 2, tradução nossa), o que estrutura esse canal é “um profundo ceticismo das narrativas do mundo ocidental e americana e uma defesa fundamental da Rússia e de Putin”. Esse canal midiático, semelhante a demais canais estatais ou de influência russa, tem sido acusado de ser um meio usado pelo Kremlin para sabotagem ocidental, uma vez que por ser um dos principais, disporia de capacidades diversas para promover desinformações e minar a democracia e as estruturas ocidentais (ERLANGER, 2017). Como também já estudado por Yablokov (2015, p. 302, tradução nossa), “o uso de teorias da conspiração no nível político ajuda o ator que dissemina essas teorias a minar a posição e a reputação de outro ator”.

É importante ao estudo ressaltar que o embate ideológico que transbordou para outros campos e que se perdura evoluiu junto com o mundo globalizado. Apesar dos embates até mesmo físicos, a Rússia também permanece com a postura do uso de poder brando por meios midiáticos como meio de disseminação de seus interesses desde a Guerra Fria. Yablokov (2015, p. 304, tradução nossa) mostra que apoiadores do Kremlin entendem o ocidente como um oponente que constantemente os desafia na construção de agendas políticas globais e que assim, hoje, mais do que antes “a radiodifusão internacional desempenha um papel crucial na promoção dos interesses de um país entre as audiências internacionais”. Isso porque através desse tipo de

movimentação um Estado pode reforçar um sentimento interno nacionalista e ao mesmo tempo influenciar o público estrangeiro em prol dos objetivos estatais.

Por meios semelhantes, mas com pequenas discrepâncias no modo de se fazer, a TeleSUR e a RT se alinham na necessidade de se colocarem como opositoras das grandes redes de comunicação ocidentais na corrida de disseminação dos fatos. Porém, um ponto interessante que surge ao comparar esses dois meios de comunicação é que enquanto nota-se na TeleSUR um movimento de combate ao imperialismo norte-americano, a RT demonstra dois objetivos. Primeiro, um anseio por tirar essa posição de influência de seu principal oponente no sistema internacional e segundo, de se tornar uma voz que representa os Estados em desenvolvimento excluídos da ordem mundial onde os Estados Unidos ainda se mantêm como potência hegemônica (PAVLOWSKII, 2014 apud YABLOKOV, 2015), uma vez que os meios de comunicações podem se tornar “ferramentas importantes para definir a identidade 'dentro do grupo' contra a identidade 'fora do grupo' com base na representação de uma série de contrastes e oposições” (COBAN, 2016, p. 46, tradução nossa).

Visualiza-se que o Estado russo utiliza a RT e seu poder brando de uma forma mais agressiva e incisiva ao centralizar a deterioração da imagem ocidental, e de seu principal representante, em todas as suas atividades. Fato esse reafirmado pela entrevista de Gleb Pavlovskii (2007 apud YABLOKOV, 2015, p. 305, tradução nossa), ex-conselheiro de Putin que diz que “a missão global russa não era o 'retorno à antiga grandeza', mas uma contenção bem-sucedida dos EUA”. Um grande exemplo desse uso midiático como instrumento de poder brando na intensa luta para a deterioração ocidental perante seus telespectadores foi a Copa do Mundo de 2018, sediada na Rússia. Mesmo sendo anfitriã de um dos maiores eventos esportivos do mundo, a RT, guiada pelo Kremlin, pouco dedicou-se à dimensão esportiva, mantendo seus canais de notícias com a mesma programação informativa e mesmo quando abordou sobre o evento esportivo, os traços anti-hegemônicos nas reportagens eram explícitos (CRILLEY et al, 2021).

Ben Nimmo e Peter Pomerantsev estudam as mídias russas e afirmam que, apesar de alta, a audiência não é o foco da RT, mas sim a disseminação de notícias de interesse russo nos esforços da busca por influência global (NIMMO; POMERANTSEV, 2017 apud ERLANGER, 2017). Robert Pszczel (2017 apud ERLANGER, 2017, p. 4) reitera a ideia dos autores de que a RT, e outros canais estatais russos, em seus objetivos “tem mais a ver com poder duro e desinformação”.

Observando as posturas adotadas pela RT em suas ações a RT demonstra a sua intenção de politizar a mídia e usá-la fortemente como instrumento de poder brando em uma guerra ideológica que se arrasta por tempos. Esse esforço notável em uso do poder brando pela Rússia, de acordo com Nye (2014), pode ser explicado como sendo um mecanismo de compensação de poder pelo seu enfraquecimento. Nye (2014, tradução nossa) aponta que “o Muro de Berlim não caiu sob uma barragem de artilharia da OTAN, mas sob o impacto de martelos e tratores empunhados por pessoas que mudaram de ideia sobre a ideologia soviética”. Por fim, nota-se que a Rússia, objetiva com a criação e investimento na RT ir cada vez mais longe em sua forte vontade de alterar a fonte de notícias no mundo e de defender fortemente seus Estados financiadores e suas figuras simbólicas¹.

¹ Enquanto esse trabalho era produzido, no dia 24 de fevereiro de 2022, o conflito entre Rússia e Ucrânia se materializou. Devido ao avanço da Otan no Leste Europeu a potência governada por Putin invadiu o território ucraniano com a justificativa de proteção ao desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia. Além de todas as problemáticas que essa ação reverbera no Direito Internacional, um fato relevante a esse presente trabalho é como as mídias detêm poder de influência no contexto da guerra e mesmo diante de um conflito físico, ainda são pontos de atenção. A União Europeia anunciou na primeira semana da guerra o banimento dos canais estatais russos RT e Sputnik em países membros. De acordo com a Comissão Europeia, a decisão se dá pela necessidade de proteger os cidadãos europeus contra as falsas justificativas que explicariam a invasão russa e para banir a desinformação que poderia gerar desunião no território (WINTOUR; RANKIN; CONNOLLY, 2022).

2 ESTUDO DE CASO AL JAZEERA: UMA ANÁLISE DA REDE E SEU RELACIONAMENTO COM O QATAR

A TeleSur e a RT, já apresentadas anteriormente, se difere em muitos pontos da rede de comunicação Al Jazeera, contudo essas três redes de comunicação convergem em suas filiações aos seus Estados facilitadores. No caso da Al Jazeera, a rede não só foi financiada, como foi criada e mantida pelo governo do Qatar, um dos países mais ricos do mundo, que apesar de sua pequena extensão territorial no Oriente Médio é tido como um dos grandes desafios para as potências vizinhas.

O Qatar é uma península árabe localizada ao longo do Golfo Pérsico próxima a estados estratégicos como Arábia Saudita, Emirados Árabes e Irã. O país de clima desértico conta com um litoral de 563 km de extensão e é considerado atualmente o país mais rico do mundo considerando sua renda per capita (VISIT QATAR, 2022). A riqueza do mesmo emana de suas reservas de petróleo, uma vez que 13% das reservas globais são controladas pela península, o que aliado a outros fatores, como uma população consideravelmente pequena de pouco mais de 2,8 milhões, podem moldar um quadro favorável ao crescimento exponencial desse país (WORLD BANK, 2022).

Bem como seus vizinhos territoriais, esse estado é constituído por contrastes visíveis entre o novo e o tradicional. O país mantém um profundo respeito às tradições e a cultura centenárias, ao mesmo tempo que se caracteriza por ser completamente modernizado, com foco em se destacar no crescimento global, na educação e nos negócios, sendo uma dentre as economias livres no mundo, contando com regras facilitadoras de investimento estrangeiros.

2.1 BREVE HISTÓRICO DO QATAR

Um fator interessante que consolida o Qatar como uma potência econômica que tem ganhado destaque no cenário mundial é que cerca de 88% da população é composta por estrangeiros que se deslocam para usufruir do ecossistema favorável aos negócios e à educação. O país abriga uma diversidade cultural desencadeada pelo alto número de estrangeiros, ocasionando, por exemplo, o encontro de vários idiomas, destacando-se o árabe, como língua oficial, e o inglês, persa e urdu (VISIT QATAR, 2022). Além disso, a península ocupa o 31º lugar no índice de Paz Global, sendo considerado um dos mais seguros para se viver, dados esses que no ano de

2021 se sobressaíram, uma vez que a base de dados do *Country Economy* (2022) apontou que o país subiu para a 29ª posição. Somado a isso, de acordo com a base de dados do Banco Mundial (2022), com atualizações até o ano de 2020, caracteriza o país com bons índices de escolaridade, com alta expectativa de vida e com alto produto interno bruto (PIB).

A história do país aponta que os assentamentos dos primeiros colonos do Qatar tinham laços com o atual Iraque moderno e são datados do VI milênio a.C. Porém, foi a partir de 1700 que a história do estado peninsular do Qatar começou a se destacar com a reunião de tribos sob domínio da família Al Thani, que gerou estabilidade e independência regional (VISIT QATAR, 2022). A partir daí diversos marcos foram datados como pontos relevantes ao país, como o acordo com a Grã-Bretanha reconhecendo o Qatar como entidade política independente em 1868, a assinatura do primeiro acordo de prospecção de petróleo bem como a sua primeira missão de exploração, respectivamente em 1935 e 1939 (VISIT QATAR, 2022).

Se a década de 1960 foi essencial para a busca de autonomia política para o Qatar e fortalecimento de relações econômicas e políticas, a década de 1970 foi marcada por desembarços e mudanças internas, que se iniciaram na política e reverberaram para os outros setores até os dias atuais. A partir de abril de 1970, o Qatar teve a sua primeira Constituição ratificada, seguida por estipulações do Conselho de Ministros, formação de gabinetes, determinação de funções de órgãos governamentais entre outros. Assim, em setembro de 1971, o Qatar deu um passo importante como Estado, quando o primeiro-ministro HH Sheikh Khalifa bin Hamad Al Thani desligou-se de suas relações, ainda fortes, com a Grã-Bretanha, assumindo o poder e declarando o Qatar como Estado independente. Ainda nesse ano, o país se tornou membro da Organização das Nações Unidas, levando o país ao círculo das relações internacionais multilaterais (VISIT QATAR, 2022).

O desenvolvimento que levou a projeção desse país no cenário internacional, apesar de se basear em muito na exploração de gás e petróleo, não se limitou a esses dois fatores. O Qatar acompanhou as demandas do mundo globalizado e diversificou os mantenedores de sua economia, bem como seus investimentos. O Estado investiu fortemente no setor imobiliário em território europeu, em sua própria companhia aérea e claro, no setor de telecomunicações, uma grande aposta de investimento governamental (MARTINEZ, 2021).

No setor de telecomunicações a maior aposta do Qatar foi a rede Al Jazeera, que será abordada mais detalhadamente nos próximos tópicos. Contudo, antes disso, é importante ressaltar que apesar de hoje ser uma das mais conhecidas e influentes redes de comunicação no mundo árabe e tendo seu destaque em âmbito global, ela não foi a precursora desse movimento anti-hegemônico das mídias. Cabe destacar que quando citado o termo “mundo árabe” faz-se referência ao conjunto de países que falam o árabe e que se encontram geograficamente no Oriente Médio e África setentrional.

Albert Hourani (2006), em seu livro sobre a história dos povos árabes, destaca a importância que os meios de comunicação tiveram na evolução da região do Oriente Médio. O autor explica que o rádio, cinema, jornais e outros sempre foram uma forma de aproximação cultural, especialmente pelo compartilhamento da mesma língua entre os diferentes países árabes. Hourani (2006) indica a importância do Egito nesse cenário, uma vez que ele já se destacava no meio midiático por volta de 1914 tendo seus jornais, bem como poesias, críticas, livros e até peças de cinemas acessados por pessoas fora de seu território.

Hourani (2006) aponta que entre 1940 e 1950 os meios de comunicação existentes eram usados pelos Estados árabes mais do que como canais de informação, mas uma forma de exercício de poder nos lares. Os aparelhos de rádio usados em larga escala na época eram ouvidos diariamente por milhares de pessoas e por isso cada governo tinha sua própria estação de rádio. No Egito, por exemplo, mesmo depois de ter sua imprensa nacionalizada, essa ainda assim “mostravam como os governantes do país viam o mundo” (HOURANI, 2006, p. 399).

A partir da década de 1960, a televisão iniciou seu crescimento exponencial, assumindo papel como fonte principal em que os árabes recorriam para se informar. Hourani (2006, p. 429) escreve que:

Em 1973, estimava-se que havia cerca de 500 mil aparelhos no Egito, um número idêntico no Iraque, e 300 mil na Arábia Saudita. As transmissões incluíam notícias, apresentadas de modo a angariar apoio para a política do governo, programas religiosos na maioria dos países, em maior ou menor grau, filmes ou séries importados dos Estados Unidos e da Europa, e também peças e programas musicais feitos no Egito e no Líbano; as peças veiculavam ideias, imagens e, o mais frágil de todos, o humor, através das fronteiras dos estados árabes

Dessa forma, tendo o Egito como um estado desbravador dos meios de comunicação no mundo árabe, a Al Jazeera ascendeu como peça fundamental na disputa anti-hegemônica do fluxo de informações no mundo globalizado. A Al Jazeera ao ser criada já em um contexto de maior modernização da informação, com o uso da televisão, investiu esforços nesse formato de comunicação, e posteriormente avançou para as redes sociais.

2.2 A CRIAÇÃO E A ATUAÇÃO DA AL JAZEERA NO MUNDO ÁRABE

A Al Jazeera é um canal de comunicação estatal árabe fundado em 1996 pelo governo do Qatar. A rede, que tem seu nome em homenagem à península desértica que compreendia seu golfo (PINTAK, 2011, tradução nossa), apresenta-se como a primeira rede de notícias do mundo árabe e se dispõe a ser uma voz alternativa aos desconhecidos pelo mundo e retomar o enfoque nas pessoas quando se fala de agenda notícias, ou seja, os principais fatos a serem noticiados, buscando ser a verdade com ousadia (AL JAZEERA, 2022).

O canal midiático foi criado como uma alternativa após uma experiência inicial fracassada. Em 1994, a família real saudita criou a *BBC Arabic Television* ou BBCATV, porém ao exibir um documentário que era conflitante aos princípios de seus principais financiadores, o canal foi à falência (CARELESS, 2002 apud SEIB, 2005). Porém, líderes árabes viram esse empreendimento como uma grande oportunidade de modernização e de obtenção de influência, ao ter um canal de notícias com o corpo editorial autônomo, mas financeiramente comprometido.

Assim, o Emir do Qatar, Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani, “forneceu US\$140 milhões para contratar veteranos do experimento BBCATV. Eles se tornaram a equipe principal da Al-Jazeera, que começou a transmitir em 1996” (SEIB, 2005, tradução nossa). Esse corpo editorial foi formado por “jornalistas, editores, radialistas, engenheiros e outros funcionários árabes foram trazidos de diferentes países árabes” (MILADI, 2006, p. 950, tradução nossa). No ano de 2003, Miladi (2006, p. 350, tradução nossa) aponta que o canal, que posteriormente virou rede devido ao seu crescimento exponencial, ganhou força e contava com:

mais de 500 funcionários, [que] com diversas origens políticas e religiosas, trabalhavam na Al-Jazeera: dos muito religiosos aos extremamente seculares, muçulmanos e cristãos trabalhavam lado a lado nos vários departamentos.

Lawrence Pintak (2011, p. 2, tradução nossa) aponta que ao serem contratados, esse antigo corpo de jornalistas da BBC receberam a direção de “deixar seus autocratas rivais desconfortáveis – e aumentar seu poder político em toda a região no processo”.

Com um lema que apesar de soar como uma ideia comum no dia a dia ocidental, é incomum no oriente, “uma opinião, outra opinião” (SEIB, 2005), a Al Jazeera se tornou uma das redes de notícia mais influentes do mundo. Apesar de ser um ponto fora da curva no mundo árabe, Georgia Rodrigues (s/d, p. 14) ressalta que a Al Jazeera “não inaugurou um novo modelo de noticiar os acontecimentos da arena internacional, ela apenas adequou-se ao modelo ocidental previamente instaurado”. Assim, com muitos de seus colaboradores tendo formações ocidentais, a rede segue as mesmas dinâmicas de canais influentes do Ocidente como a CNN e BBC World, diferenciando-se, claro, em suas narrativas não ocidentais dos acontecimentos.

No ano de 2006, a Al Jazeera se tornou uma empresa privada para benefício público, sendo renomeada de *Al Jazeera Media Network*. Simultaneamente a essas mudanças, fora lançado o canal de televisão *Al Jazeera English* parte de uma rede composta por mais de 10 canais e divisões (AL JAZEERA, 2022). Essa diferenciação nesse ponto se faz importante para a compreensão de que esse canal de informações que impactou primordialmente os países do mundo árabe, sentiu a necessidade de expandir-se e de se globalizar utilizando uma língua popular mundialmente, para chegar em outros lugares e mais pessoas com maior facilidade. A *Al Jazeera English*, chamada neste trabalho a partir desse ponto como AJE, será abordada com mais detalhes em uma sessão específica posteriormente.

A fundação da Al Jazeera em 1996 com o intuito de disseminar uma visão crítica e sem censura do Oriente Médio levanta debates quanto ao resultado obtido, mas é inegável que a rede tem efeitos práticos na política regional e global. A rede foi essencial na cobertura da Guerra do Afeganistão em 2001, ao ser autorizada a permanecer no território enquanto as demais redes ocidentais receberam ordens de deixar o local. A mesma, simultaneamente, ainda conseguiu cobrir os conflitos entre Israel e Palestina (SEIB, 2005).

Esses dois eventos em específico, foram fundamentais para que a rede se expandisse no mundo árabe. Mohammed el-Nawawy e Adel Iskandar (2002 apud SEIB, 2005, p. 602, tradução nossa) trazem a reflexão dos motivos que fizeram desses dois momentos os catalisadores da Al Jazeera no mundo árabe:

As conexões que unem os 300 milhões de árabes em vinte e dois países são muitas vezes abstratas. Não é uma aliança militar, uma trégua política, uma cooperativa econômica ou um simples laço linguístico. Pode nem mesmo ser reduzido a uma religião comum. Em vez disso, o que une os árabes é uma noção de destino conjunto [...] com esse público, a Al-Jazeera tem uma credibilidade que escapa à mídia ocidental

Dessa forma, Seib (2005) reflete que os governos árabes usam da Al Jazeera para mascarar os problemas internos e ao mesmo tempo redirecionar para fora as tensões. O autor reflete que à medida que a mídia governamental financiada é influenciada a apontar os vilões fora de seu território, a população tende a acreditar mais em suas fontes internas e fazendo crescer a popularidade das redes de comunicação árabes, como a Al Jazeera (SEIB, 2005).

Mesmo colocando sua credibilidade como um de seus pilares fundadores, justificando que ela “decorre do nosso compromisso com o profissionalismo, rigor e objetividade” (AL JAZEERA, 2022), a Al Jazeera tem sido usada como um forte instrumento de poder brando por seus financiadores, uma vez que a “credibilidade e objetividade não são a mesma coisa, e a cobertura da Al-Jazeera tem uma inclinação acentuada” (SEIB, 2005, p. 602, tradução nossa). Seib (2005) discorre sobre uma dificuldade linguística presente em muitas partes do mundo e que também é fator recorrente entre o público árabe. A diferença do idioma faz com que o público árabe não tenha acesso à quantidade de informações que o público ocidental detém, uma vez que a quantidade de redes em inglês é maior, dificultando assim a análise crítica aprofundada dos acontecimentos mundiais, que muitas vezes dentro de seus países pode ser visto por uma única via.

Internamente, a Al Jazeera, como um todo, teve um papel ambíguo e de grande importância nas problemáticas árabes. Pode ser vista como uma fonte interna de poder brando sobre a população, mas ao mesmo tempo foi capaz de trazer para o debate opiniões e versões próprias das coisas, servindo de ponte para o crescimento da participação popular e do seu poder como fator de influência na política (COBAN, 2016 apud RODRIGUES, s/d).

Mas foi internacionalmente que a Al Jazeera teve seu nome e sua influência marcada como um fenômeno na era da globalização. Como afirma Shawn Powers

(2010, p. 80, tradução nossa), o foco na Al Jazeera é fundamental, porque “aponta para a tremenda mudança na direção e no fluxo da comunicação global e, portanto, na influência geopolítica”.

Quando se trata da influência midiática no mundo globalizado como instrumento de poder, logo se remete a grandes mídias norte-americanas, britânicas e francesas que por muitos anos ditaram o fluxo e o ritmo das informações no mundo. Contudo, como abordado no tópico acima, é possível notar que existem novas figuras nesse cenário, cujo um dos principais objetivos é alterar essa realidade. Filiz Coban (2016, p. 48, tradução nossa) reafirma que

a mídia flui dos EUA para o resto do mundo, o chamado efeito CNN, constituiu um soft power e fez dos EUA uma potência hegemônica global na década de 1990. Nos anos 2000, a gama mais ampla de quadros de tecnologia da informação e novas redes vêm ocorrendo na forma de contrafluxos contra a hegemonia americana

O “Efeito CNN” foi nomeado em homenagem à rede CNN, e o termo cunhado para “designar as consequências econômicas e psicológicas que surgiram com a cobertura da CNN do conflito no Golfo em 1991 (GILBOA, 2005 apud RODRIGUES, s/d, p. 6). A rede de comunicação norte-americana com 10 anos de criação foi consolidada como autoridade em seu campo durante a Guerra do Golfo, onde promoveu uma cobertura vasta e em tempo real da zona de guerra, alterando como as notícias antes eram repassadas à população e como os fazedores de política reagem a elas (RODRIGUES, s/d).

O fenômeno, desde 1990, é tema constante quando abordado as relações de mídia e poder político, uma vez que nesse século, o poder é vinculado a informações determinadas pelos meios de comunicação em massa, tanto que esses meios foram muito usados para influenciar as políticas externas em prol de seu próprio benefício (COBAN, 2016). Terry Flew (2007 apud RODRIGUES, s/d, p. 10) explica que

Esta dominação dos meios de informação pelo Ocidente por tantos anos pode ser analisada como uma ferramenta de manutenção de poder do prestígio de dominação Ocidental, dado que a mídia abre fluxos informacionais que ajudam as pessoas a compreender os eventos e estabelecem sistemas de valores compartilhados que ultrapassam fronteiras e culturas

E é nesse contexto de rivalidade em prol de uma busca de quebra de hegemonia midiática que surge a contraposição do “Efeito CNN”, o “Efeito Al Jazeera”.

O termo cunhado por Philip Seib (2008 apud COBAN, 2016, p. 56) é entendido, como “a tendência de empoderamento das nações e grupos silenciados e marginalizados”, sendo ampliado para uma cobertura que indica “os efeitos das novas redes transnacionais e da mídia de notícias baseada na internet nas relações internacionais” (SEIB, 2012 apud COBAN, 2016, p. 56).

De acordo com Nogueira e Ribeiro (2013) esse efeito vai além da Al Jazeera por si só, mas pode ser entendido como o uso de novas mídias como ferramenta expansiva dos interesses globais, além de ser pioneira para iniciativas semelhantes ao redor do mundo. Coban (2016, p. 58) aponta que

a nova revolução da comunicação e da mídia de massa está aumentando a importância do soft power, ou seja, a capacidade de alcançar os resultados desejados nos assuntos internacionais por meio da atração, convencendo os outros, em vez da coerção

Com isso, argumenta-se que o “Efeito Al Jazeera” vai muito além de ser uma nomenclatura em oposição a uma já existente, mas uma forma de evolução dos meios de comunicação e das relações político-sociais mundiais, uma vez que remetem a uma distribuição menos heterogênea de como os acontecimentos globais são repassados.

2.3 A AL JAZEERA INTERNACIONAL – VERSÃO EM INGLÊS

Uma vez que se fala sobre contrafluxo das informações, a Al Jazeera destaca-se especialmente a sua versão em inglês, que tem como foco perpassar as fronteiras do mundo árabe e se estabelecer como autoridade informativa nos países ocidentais. A *Al Jazeera English*, ou AJE, bem como a sua matriarca coloca como princípio motor de suas atividades o foco nas pessoas e nos eventos que as impactam, mas são subnotificados, dando a oportunidade de que todos os lados da história sejam apresentados. (AL JAZEERA, 2022).

Um ponto importante a ser destacado é a forma de introdução da AJE em seu press kit oficial, onde ela dispõe que estão “reformulando a mídia global e constantemente trabalhando para fortalecer nossa reputação como uma das redes notícias mais respeitadas do mundo e canais de atualidades” (AL JAZEERA ENGLISH PRESS KIT, 2014, p. 2). A busca desse objetivo se deu por muitos meios, assim como a Al Jazeera Arabic, ou AJA, também o fez.

A AJE, desde sua criação, conseguiu se estabelecer em todos os meios, seja pela televisão, website ou por outras redes sociais. Nesse ponto, uma grande problemática se cria. Seguindo os passos da sua versão árabe, a Al Jazeera English tentou exportar seu modelo de levar informação para o ocidente, especialmente aos Estados Unidos, porém não foi bem-sucedida nesses moldes. De acordo com a reflexão de Sakr e Azran (2007, 2008 apud AZRAN; HAYAT, 2017), isso se deveu principalmente por soar como uma afronta direta e interna ao principal representante da cultura ocidental e mais do que isso, de desafiar o fluxo de informação centro-periferia.

A AJE em sua forma televisionada com conteúdo 24 horas em inglês enfrentou dificuldades de se estabelecer. Explicitamente buscando competir com a CNN e outras grandes potências midiáticas, apresentando uma perspectiva global para mais de 1 bilhão de ouvintes da língua inglesa, a distribuição da AJE foi bloqueada pelos fornecedores de TV a cabo nos Estados Unidos, apesar de conseguir acessar alguns países europeus (AZRAN; HAYAT, 2017). De acordo com seus executivos, o canal objetivava “ênfatisar as notícias do mundo em desenvolvimento, sem uma visão de mundo anglo-americana” (AZRAN; HAYAT, 2017, p. 5) além de “reverter o fluxo de informações [Norte para Sul]” (AZRAN; HAYAT, 2017, p. 5), o que pode ser um fator explicativo para as barreiras que surgiram.

O exemplo da dificuldade do estabelecimento de suas transmissões nos Estados Unidos aponta para a capacidade que o poder brando apresenta nos dias de hoje na política mundial. Em um de seus pilares, o poder brando tem a cultura como fator determinante das suas ações, assim pode-se comprovar empiricamente quando uma das justificativas norte-americana para as pressões feitas às empresas de cabo era que a AJE transmitia propaganda de jihadistas islâmicos (AZRAN; HAYAT, 2017). Na tentativa de conquistar o público, a AJE tentou até a contratação de empresas de relações públicas para alterar a visão norte-americana sobre a televisão árabe, mas sem sucesso.

De acordo com Azran e Hayat (2017), esse processo de rejeição nos Estados Unidos e de dificuldades em outros locais fora do mundo árabe pode ser justificado por uma exposição seletiva, onde baseado em religião e preconceitos culturais os telespectadores tendem a assistir aquilo que reforça suas visões de mundo e resistir a perspectivas contrárias. Diante do fracasso em seu estabelecimento como canal de

televisão nos Estados Unidos, a AJE voltou seus esforços para impulsionar e apostou em seu website, onde o público online era mais acessível e mais fácil de alcançar.

De acordo com as ideias de Carpenter (2017 apud SATTI, 2020, p. 65, tradução nossa), a Al Jazeera se colocou como ligamento entre globalização e jornalismo ao se expandir para a língua inglesa. A rede foi ganhando gradativamente a confiança do público falante da língua inglesa, como a Grã-Bretanha, muito mais do que outras redes ocidentais (MILADI, 2006). Esse estabelecimento da AJE online, muito mais do que sua forma televisionada, entre outros fatores pode ser explicado pelo fato de que

A exibição de notícias on-line oferece ao pesquisador de notícias liberdade adicional para procurar e consumir artigos de sua escolha. Essa característica não está disponível em noticiários de rádio e televisão, por exemplo, e permite ao consumidor de notícias maior controle sobre qual item ler (SATTI, 2020, p. 7, tradução nossa).

A Al Jazeera é somente uma das grandes outras redes midiáticas que tem se firmado no cenário mundial nas últimas décadas. Philip Seib (2005, p. 601, tradução nossa) discorre que “os formuladores de política norte-americanos e outros ocidentais devem estar preparados para lidar com a influência de uma programação de notícias ampla que diminuirá a influência das organizações de notícias”. Assim, mesmo enfrentando barreiras culturais e políticas, a AJE hoje se firmou no cenário internacional como fonte confiável de notícias que leva não somente acontecimentos do mundo árabe, mas acontecimentos importantes a nível global.

Edward Said (1990, p. 210) em seus estudos sobre orientalismo concluiu que o mundo ocidental, de forma geral, tem uma visão “racista imperialista, e quase totalmente etnocêntrica” sobre o oriente. E essa visão se espalhou mais facilmente com o amplo desenvolvimento das redes globais, que tornaram tudo mais facilmente interligado e influenciável. Muhammad Ali Hashmi (s/d, p. 3, tradução nossa) afirma que “o nascimento da Al Jazeera quebrou a difusão de representações unilaterais do Oriente Médio na mídia dominada pelo mundo ocidental”. Daí pode-se entender um pouco mais a importância de uma rede de comunicação se projetar para fora de seu território buscando alcançar e mostrar uma outra face a um público com pré-conceitos fortemente enraizados.

A AJE e a AJA, apesar de pertencerem à mesma rede de comunicações, exercem seu jornalismo de formas diferentes. A primeira, atuante no mundo ocidental, tem formas distintas de trazer informações se comparada à segunda, atuante no

mundo árabe. Contudo, ambas ainda são utilizadas como formas de poder brando ao trazerem sempre suas versões não ocidentais dos fatos, mantendo sua postura contrária ao fluxo de informação mundial e abrandando as ações de seu Estado financiador.

2.3.1 O comparativo entre Al Jazeera English e Al Jazeera Arabic

A partir do exposto acima, entendendo que a rede Al Jazeera mantém em uma ótica geral uma maior aceitação na internet, analisaremos principalmente as notícias e dados vinculados aos seus canais online, tanto em sua versão árabe quanto em sua versão em inglês, presente no mundo ocidental, visando entender por que essa rede pode ser utilizada como instrumento de poder brando. Contudo, também serão apresentados dados relacionados às suas transmissões televisivas.

A preferência em utilizar os sites para a análise, além de sua maior aceitação e disseminação no mundo, é baseada na importância do texto. O texto escrito contém elementos ricos a serem analisados, como aponta Botan e Kreps (2000, p. 255 apud SATTI, 2020, p. 4) ao trazerem que a análise textual é muito usada na comunicação para “interpretar as características de uma mensagem gravada ou visual”.

É importante ressaltar as dificuldades de localização de dados, especialmente confiáveis e imparciais, sobre a Al Jazeera, muito devido às restrições políticas existentes na região e aos diversos cenários culturais e socioeconômicos. Miles (2005, p. 66 apud HASHMI, s/d, p. 5) aponta que “é extremamente difícil fazer qualquer tipo de censo no Oriente Médio e isso tem a ver tanto com considerações culturais quanto com considerações técnicas” além de que é difícil concluir com exatidão qualquer coisa referente a maior parte do Oriente Médio devido a “natureza conservadora e privada dos próprios qataris e pela falta de qualquer tipo de documento político significativo, *white papers*, explicações oficiais e transparência geral em todo o governo” (ROBERTS, 2012, p. 233, tradução nossa). Dentro dessa realidade, os dados referentes à televisão foram os mais sensíveis de se trabalhar, uma vez que não foram encontradas muitas informações em banco de dados e que os apresentados em obras consultadas não são atualizados.

De acordo com Wadah Khanfar e Jonas Geir Store (2012 apud BAILLIET, 2013, p. 43, tradução nossa), a “Al Jazeera transmite em inglês para 250 milhões de lares em 120 cidades ao redor do mundo. Possui 70 escritórios em todo o mundo e 1.000

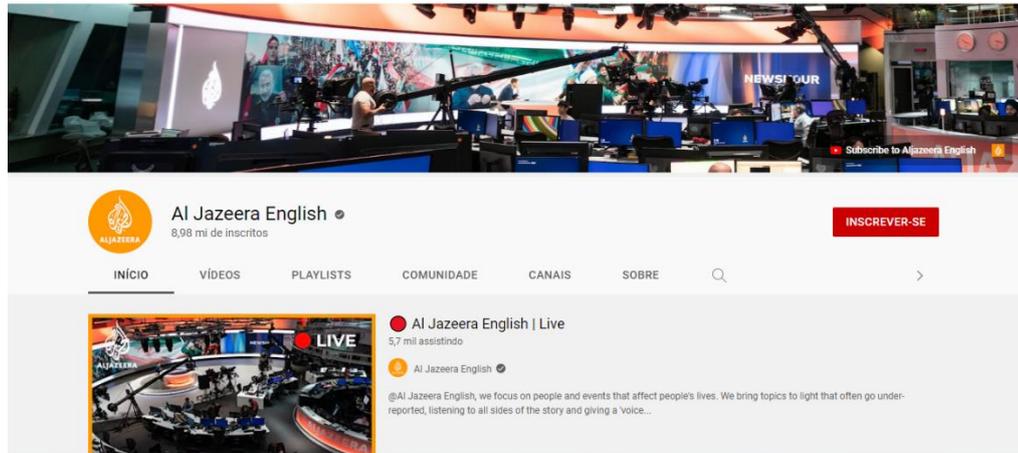
funcionários de 50 nacionalidades diferentes”. Dados mais recentes apresentados por Zachary Laub (2017) pelo *Council On Foreign Relations* apontam que a Al Jazeera já alcança 350 milhões de pessoas presentes em 22 países.

Dentre os escassos dados, Nouredine Miladi (2006) nos traz o exemplo da AJE no Reino Unido, grande potência midiática e política mundial, sede de uma das maiores redes do mundo, a *BBC News*. Miladi (2006) aponta em seu relatório de pesquisa os resultados de suas entrevistas de campo à população árabe no Reino Unido, para saber mais sobre a popularidade e influência da AJE em sua forma televisionada, ou seja, sobre a forma que o poder brando midiático de uma rede originalmente árabe alcança o ocidente, mas também seu público fora do seu território. A autora conclui que:

a popularidade da Al-Jazeera era aparente mesmo antes de 11 de setembro de 2001: 93% dos espectadores árabes do Reino Unido, da amostra entrevistada, assistiram ao canal em julho de 2001. Uma alta porcentagem deles (48%) havia aprendido sobre a Al-Jazeera. Jazeera por indicação de um amigo; 38 % disseram que sabiam sobre isso através da publicidade. No Reino Unido, a Al-Jazeera está disponível gratuitamente no ar, transmitindo através do Hotbird e W2 (disponível em serviços analógicos e digitais). A maioria dos espectadores (65%) assistiu no Hotbird, menos de 20% no W2. Além disso, como 34% dos homens árabes do Reino Unido assistiam à Sky, a Al-Jazeera teve um forte incentivo para lançar na Sky (BskyB), como fizeram em 2002. Com o reconhecimento da marca em torno de 99% entre os árabes, a Al-Jazeera é chamado por alguns de 'CNN do mundo árabe'. (MILADI, p. 950, tradução nossa)

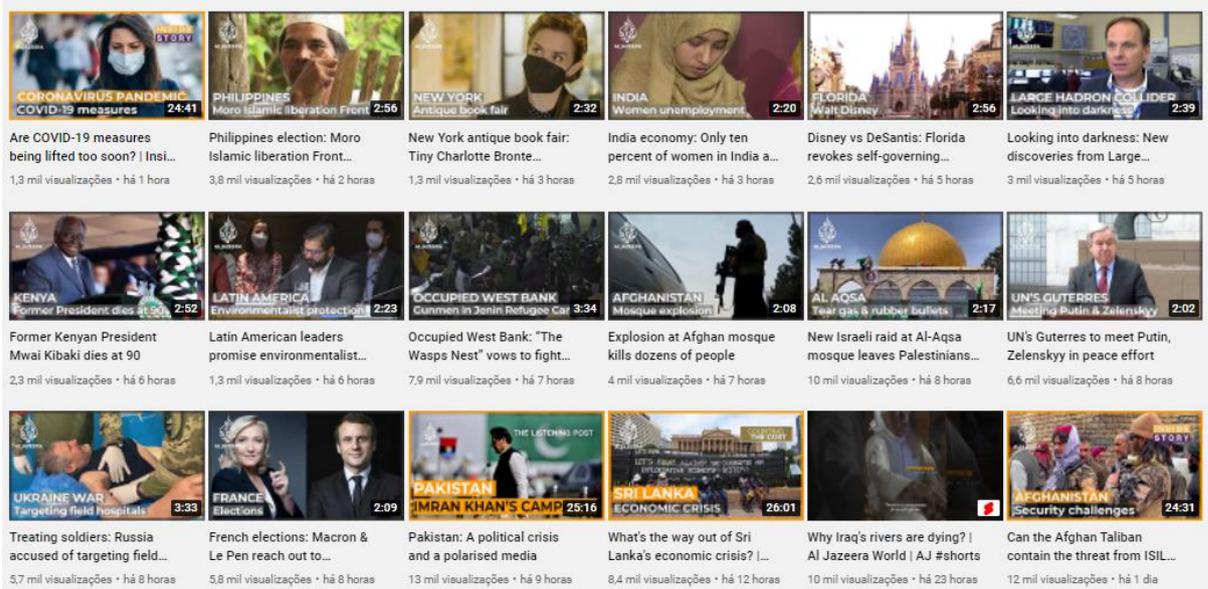
Conforme visto, a AJE tem sido uma grande concorrente a outras redes dentro do público ocidental. Começando pelo YouTube, principal plataforma de vídeos no mundo, a rede *Al Jazeera English*, aposta em vídeos explicativos de curta duração sobre variados temas presentes nas agendas mundial de forma a alcançar de forma rápida seus ouvintes (imagens 1 e 2).

Imagem 1: Página inicial da Al Jazeera English no YouTube



FONTE: AL JAZEERA ENGLISH YOUTUBE (2022)

Imagem 2: Vídeos recentes no canal da Al Jazeera English no YouTube



FONTE: AL JAZEERA ENGLISH YOUTUBE (2022)

A AJE se inseriu no YouTube também no ano de 2006 e seu canal conta atualmente com pouco mais de 8,9 milhões de inscritos, número considerável que reforça a relevância da *Al Jazeera English*. Comparado a outras principais redes de comunicação ocidentais, a AJE está bem-posicionada entre o público ocidental, conforme quadro abaixo que, respeitando a data de criação de cada rede, demonstra o número de inscritos no canal no mês de abril de 2022.

Tabela 1: Comparação entre o número de inscritos da AJE e de outras grandes redes de comunicação ocidental.

Emissoras	Ano de criação	Inscritos no canal do YouTube
Al Jazeera English	2006	8.98 M
CNN	1980	13.8 M
BBC News	1922	12.3 M
NBC News	1939	6.69 M
ABC News	1948	13.0 M

Conforme a Social Blade (2022), base de informações sobre a plataforma de vídeos YouTube, a Al Jazeera English conta com uma média diária que gira em torno de 2 milhões de visualizações, e com um lucro acima de US\$323 mil (imagem 3 e 4).

Imagem 3: Resumo das estatísticas a Al Jazeera English no YouTube

RESUMO DAS ESTATÍSTICAS DO YOUTUBE/ESTATÍSTICAS DO USUÁRIO DA AL JAZEERA EM INGLÊS (2022-04-10 - 2022-04-23)						
ENCONTRO	ASSINANTES		VISUALIZAÇÕES DE VÍDEO		GANHOS ESTIMADOS	
10-04-2022	Sol	+10K	8,94 milhões	+3.363.354	2.777.501.305	US\$ 841 - US\$ 13,5 mil
11-04-2022	seg	-	8,94 milhões	+1.536.593	2.779.037.898	US\$ 384 - US\$ 6,1 mil
12-04-2022	ter	+10K	8,95 milhões	+1.298.469	2.780.336.367	US\$ 325 - US\$ 5,2 mil
13-04-2022	qua	-	8,95 milhões	+1.292.285	2.781.628.652	US\$ 323 - US\$ 5,2 mil
14-04-2022	qui	-	8,95 milhões	-	2.781.628.652	\$ 0 - \$ 0
15-04-2022	sex	+10K	8,96 milhões	+2.553.649	2.784.182.301	US\$ 638 - US\$ 10,2 mil
16-04-2022	Sentado	-	8,96 milhões	-	2.784.182.301	\$ 0 - \$ 0
17-04-2022	Sol	-	8,96 milhões	+1.613.419	2.785.795.720	US\$ 403 - US\$ 6,5 mil
18-04-2022	seg	+10K	8,97 milhões	+3.164.183	2.788.959.903	US\$ 791 - US\$ 12,7 mil
19-04-2022	ter	-	8,97 milhões	-	2.788.959.903	\$ 0 - \$ 0
20-04-2022	qua	-	8,97 milhões	+3.807.282	2.792.767.185	US\$ 952 - US\$ 15,2 mil
21-04-2022	qui	+10K	8,98 milhões	-	2.792.767.185	\$ 0 - \$ 0
22-04-2022	sex	-	8,98 milhões	+1.795.817	2.794.563.002	US\$ 449 - US\$ 7,2 mil
23-04-2022	Sentado	-	8,98 milhões	OVIVER +1.399.559	2.795.962.561	US\$ 350 - US\$ 5,6 mil

FONTE: SOCIAL BLADE (2022)

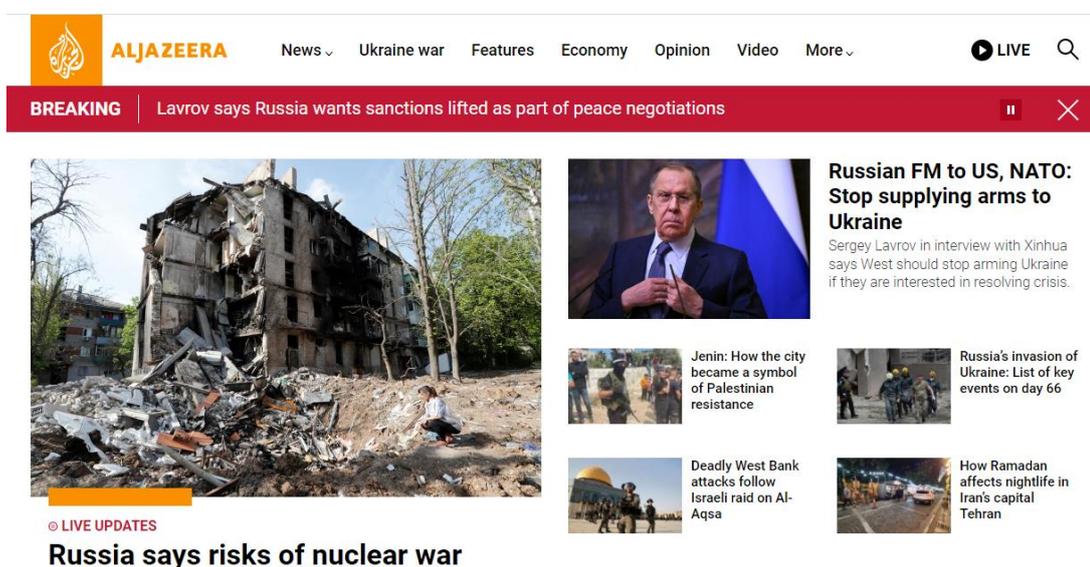
Imagem 4: Médias sobre o canal do YouTube da Al Jazeera English

Médias diárias	+3,66K	-2.467.770	\$ 0 - \$ 0
Médias semanais	+25,6K	-17.274.390	\$ 0 - \$ 0
Últimos 30 dias	+110K	-74.033.103	\$ 0 - \$ 0

FONTE: SOCIAL BLADE (2022)

Além de números consideráveis no YouTube, a AJE conta também com um site bem estruturado e alimentado diariamente com notícias do mundo, matérias, transmissões ao vivo, podcasts entre outros, como mostra a figura 5. Cabe ressaltar o destaque dado pela Al Jazeera ao conflito Rússia versus Ucrânia, tendo a temática como dominante em suas últimas notícias, aderindo até mesmo a uma aba específica para que os leitores se informem sobre os acontecimentos, indicando de forma prática o apontado anteriormente por Reynolds (1980) sobre a força com que o intercâmbio global afeta o sistema como um todo.

Imagem 5: Configuração recente da página inicial do website da *Al Jazeera English*



FONTE: AL JAZEERA ONLINE (2022)

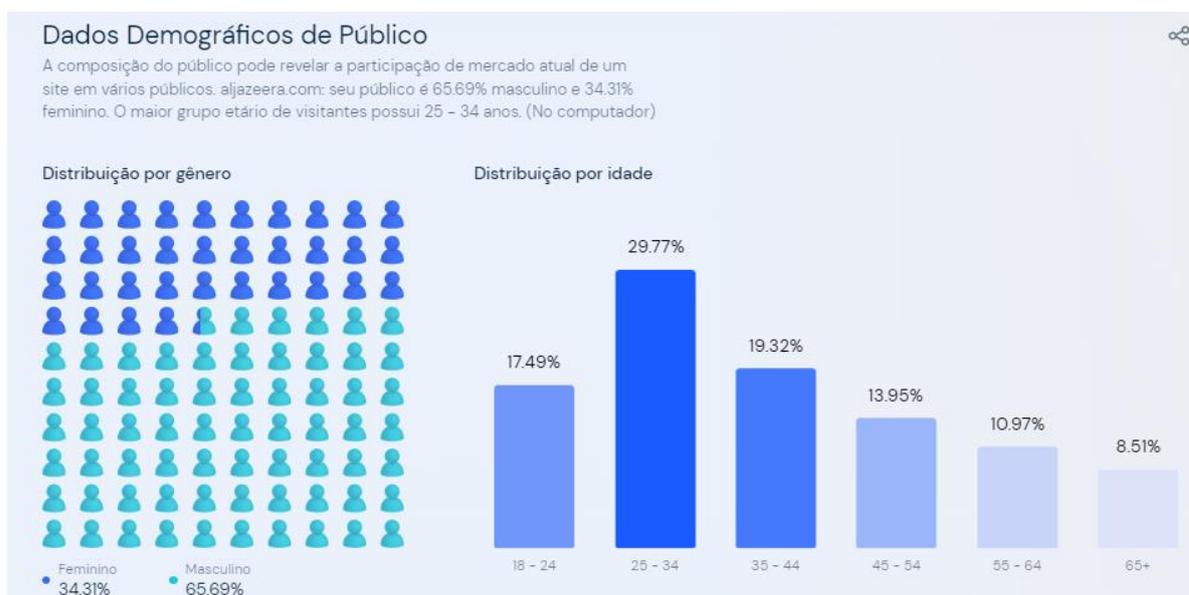
De acordo com o Similar Web (2022), uma das ferramentas mais conhecidas para análise de dados e estatísticas de sites, a Al Jazeera English tem conseguido se consolidar como uma fonte alternativa de informações globais. Assim como citado acima, a AJE tem dedicado atenção na cobertura do conflito Rússia e Ucrânia e ao mesmo tempo tido retorno do público como sendo um dos sites mais procurados para obtenção dessas informações. Palavras chaves pesquisadas como “Ukraine”, “Ukraine News” e “Rússia” são quase 100% organicamente direcionadas para o site da AJE, além de 55.85% do tráfego em seu site advir da própria pesquisa (SIMILARWEB, 2022).

O site da AJE recebe em torno de 75.8 milhões de visualizações por mês, tendo aumentado para mais de 10% esse número de acessos referente, por exemplo, ao

final de 2021 (SIMILARWEB, 2022). Um fator muito importante a ser pontuado é que no primeiro trimestre de 2022, o público principal do site da AJE vem predominantemente de potências ocidentais, como Estados Unidos (26.6%), Canadá (9.96%) e Reino Unido (7.87%), respectivamente (SIMILARWEB, 2022). Dados que indicam uma mudança quando se trata de autoridade em informações, ao perceber que países ocidentais têm buscado informações em fontes alternativas.

A imagem abaixo demonstra através de infográfico a preferência do público, bem como a faixa etária e o sexo predominante referente aos acessos. Além disso, os principais tópicos de interesse do público da AJE giram em torno de palavras chaves como “Internacional News”, “US News” e “Breaking News” (SIMILARWEB, 2022).

Imagem 6: Infográfico sobre a composição do público da AJE online



FONTE: SIMILAR WEB (2022)

Contando com números altos se comparadas a outras redes de comunicação não ocidental, a AJA, versão em árabe da Al Jazeera, apresenta pontos convergentes e divergentes da AJE. O site que conta com uma estética mais rebuscada e imponente que sua versão internacional, de acordo com o banco de dados da Similar Web (2022) apresenta estatísticas de visitação mensal em torno de 30.3 milhões, mantendo uma maior estabilidade em acesso do que a AJE ao girar em torno de 11.75% no primeiro trimestre.

A respeito da geografia de acessos, a AJA também tem os Estados Unidos como público principal, diferenciando-se, porém, nos demais países, contando com

público da Alemanha, Marrocos, Argélia entre outros como grande fonte de acesso (SIMILARWEB, 2022). Semelhantemente, a AJE conta com um público majoritariamente masculino e em geral os consumidores de conteúdo tem, em sua maioria, idades entre 25 e 34 anos que buscam tópicos como “News” e “Arabic” (SIMILARWEB, 2022). Além disso, a plataforma aponta que a maior parte do tráfego de acessos da AJE e da AJA vem por meio de redes sociais como o Twitter, Facebook e YouTube (SIMILARWEB, 2022), canais altamente influentes entre o público jovem no mundo ocidental e fortemente marcadas pelo forte fluxo de opiniões emitidas sobre qualquer assunto e pela forma rápida ao qual essas informações são disseminadas.

Em sua plataforma no YouTube, a AJA também conta com um número expressivo de inscrições, atualmente 10.3 milhões. Seguindo a mesma linha da AJE, a versão em árabe também utiliza vídeos curtos abordando os principais acontecimentos do mundo. A Imagem 7 demonstra, de acordo com a *database* Social Blade (2022) os números da rede no YouTube no mês de abril, mês em que esse presente trabalho era redigido.

Imagem 7: Resumo e médias das estatísticas a Al Jazeera Arabic no YouTube

YOUTUBE STATS SUMMARY / USER STATISTICS FOR ALJAZEERA CHANNEL (30-04-2022 - 17-04-2022) قناة الجزيرة							
DATE		SUBSCRIBERS		VIDEO VIEWS		ESTIMATED EARNINGS	
2022-04-17	Sun	+100K	10.2M	+6,280,825	4,156,839,516	\$1.6K - \$25.1K	
2022-04-18	Mon	–	10.2M	+5,894,154	4,162,733,670	\$1.5K - \$23.6K	
2022-04-19	Tue	–	10.2M	+6,413,021	4,169,146,691	\$1.6K - \$25.7K	
2022-04-20	Wed	–	10.2M	+5,285,813	4,174,432,504	\$1.3K - \$21.1K	
2022-04-21	Thu	–	10.2M	+6,247,522	4,180,680,026	\$1.6K - \$25K	
2022-04-22	Fri	–	10.2M	+5,075,207	4,185,755,233	\$1.3K - \$20.3K	
2022-04-23	Sat	–	10.2M	+4,735,942	4,190,491,175	\$1.2K - \$18.9K	
2022-04-24	Sun	–	10.2M	+4,435,443	4,194,926,618	\$1.1K - \$17.7K	
2022-04-25	Mon	–	10.2M	+5,011,002	4,199,937,620	\$1.3K - \$20K	
2022-04-26	Tue	–	10.2M	–	4,199,937,620	\$0 - \$0	
2022-04-27	Wed	–	10.2M	+9,227,148	4,209,164,768	\$2.3K - \$36.9K	
2022-04-28	Thu	–	10.2M	–	4,209,164,768	\$0 - \$0	
2022-04-29	Fri	–	10.2M	+4,817,087	4,213,981,855	\$1.2K - \$19.3K	
2022-04-30	Sat	–	10.2M	🔴 LIVE	+4,859,094	4,218,840,949	\$1.2K - \$19.4K
Daily Averages		+3.33K		+5,395,998		\$1.3K - \$21.6K	
Weekly Averages		+23.3K		+37,771,986		\$9.4K - \$151.1K	
Last 30 Days		+100K		+161,879,939		\$40.5K - \$647.5K	

FONTE: SOCIAL BLADE (2022)

A rede Al Jazeera, apesar de ter fundamentalmente os mesmos objetivos, demonstra diferenças em suas formas de levar informações em sua versão internacional e árabe. De acordo com Satti (2020) menos de 8% das vezes os dois canais apresentam agendas conjuntas de notícias em seus sites. A AJA por exemplo, tem como ponto focal regiões próximas ao Catar, deixando as notícias do mundo ocidental, especialmente do continente africano e sul-americano para a AJE (SATTI, 2020).

O fato de a AJA focalizar seus esforços na região árabe próxima ao seu Estado fundador, podem estar relacionados a tendência apontada por Johnson e Fahmy (2008 apud SATTI, 2020) de os consumidores de notícias em árabe darem uma maior credibilidade a AJA do que a redes como BBC e CNN. Satti (2020) analisa que essa situação pode decorrer de que esses dois canais, embora pertencentes à mesma rede, trabalhem independentemente, visando produzir notícias que alcancem seu público maior e sendo muito influenciados pela cultura e hábitos sociais. Isso reforça

a Al Jazeera em “sua posição como um *media player* global que busca maior influência nos padrões de fluxo de notícias” (SATTI, 2020, p. 8, tradução nossa). A compreensão da relação notícia e interesse, pode ser vista pela lente do enquadramento, que é explicada por Bailliet (2013, p. 40, tradução nossa):

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma determinada definição de problema, interpretação causal, avaliação moral e/ ou recomendação de tratamento para o item descrito.

Ou seja, as redes de comunicação por questões práticas de projetarem suas interpretações e objetivarem disseminar aquilo que lhes é favorável, dedicam seus esforços em dar um maior peso a certos pontos e outros não ao apresentá-los ao público consumidor.

2.4 DISPUTAS DO QATAR E A INTERMEDIÇÃO DA AL JAZEERA

Retomando a ideia de interdependência complexa apresentada por Keohane e Nye (2012) como uma situação em que nenhum movimento é tido como isolado, em um mundo globalizado com frágeis fronteiras em dimensões imateriais, a criação da Al Jazeera pelo Estado do Qatar pode ser vista de forma crítica. Se o fenômeno da globalização levou a sociedade a repensar de forma mais profunda suas ações, as formas com que exercem poder e que projetam suas ideias no mundo também foram impactadas.

A Al Jazeera além de ser símbolo desse embate contra o fluxo hegemônico de informações vindas do Ocidente, como explanado anteriormente, também pode ser vista como um forte instrumento de poder brando de seu Estado financiador, especialmente a nível regional, assim é apontado por Samuel-Azran (2013, p. 1306, tradução nossa) que demonstra que essas duas faces da Al Jazeera, apesar de fundamentalmente serem uma só, se dá pelas “tentativas de manter a Al-Jazeera English com credibilidade aos olhos dos espectadores ocidentais ao usar a versão árabe para promover os interesses do Oriente Médio do Catar”.

Historicamente, o Qatar enfrenta desafios territoriais e políticos com seus vizinhos de fronteira. Agrupamentos hostis e por vezes maiores que o catarense, indiretamente forçaram o alinhamento desse povo com diferentes outros grupos conforme interesse, em nome da sobrevivência. Assim, formata-se uma das principais

características políticas desse Estado, uma política de segurança marcada por alinhamentos altamente mutáveis buscando sempre a maior autonomia possível (ROBERTS, 2012, tradução nossa). Assim, David Roberts (2012) indica a tendência desse pequeno país a se aliar com Estados maiores e mais fortes como uma forma de compensação de suas desvantagens perante os vizinhos.

Seguindo essa tendência de alinhamento, após 1970 o Qatar estreitou seus laços com a grande vizinha Arábia Saudita a custo de normalmente seguir a liderança dela, especialmente em posicionamentos a níveis internacionais (ROBERTS, 2012, tradução nossa). Mesmo com a desvantagem em sua extensão territorial, o Qatar sempre foi um Estado com desejo de ampliar suas relações a âmbito internacional e com sede de autonomia (ROBERTS, 2012, tradução nossa). Dessa forma, as relações com a aliada saudita se enfraqueceram em virtude de diferentes situações. As tensões entre esses dois países, sobretudo, são voltadas a questões políticas e econômicas, uma vez que o Qatar não cede às pressões da Arábia Saudita para que seja submetida a sua influência e tomadas de decisão como demais países da região assim o fazem (AJAOUD; ELMASRY, 2020, tradução nossa).

Após um longo período de desgaste, a aliança foi decididamente interrompida em 1995 com o golpe pacífico de Hamad Bin Khalifah em seu próprio pai (ROBERTS, 2012, tradução nossa). O príncipe herdeiro e ministro da defesa apresentada ideais destoantes das de seu pai, e assim que assumiu o poder após o golpe, redirecionou a política do Qatar, uma vez que para Hamad o Qatar precisava “mudar fundamentalmente sua posição para se tornar um país líder, moderado, com foco internacional, desenvolvimento social e liderado pelo conhecimento” (ROBERTS, 2012, p. 235, tradução nossa).

Com esse objetivo, o governo buscou criar uma imagem que favorecesse os interesses estatais e facilitasse a nova política. Essa marca positiva foi criada pelo Qatar através da Al Jazeera e, precisamente, em grande parte se deu pela revolução midiática que ela causou. Porém, não se limitou a essa variável e esse objetivo só se tornou viável porque

Somando-se a esses motivos potencialmente altruístas está o fato de que atuar como o campeão dos oprimidos provou ser um golpe espetacular de relações públicas para o Catar em todo o mundo. O Catar tem, mais uma vez, sido profundamente o centro das atenções e um ator chave e influente para uma ação que a maioria considera desejável. Novamente, portanto, a marca do Qatar é promovida (ROBERTS, 2012, p. 239, tradução nossa).

Esse caso demonstra com clareza o fato abordado anteriormente de que países que não se encontram no centro da influência global têm buscado estratégias não tradicionais para amplificar e levar a lugares distantes suas vozes, lutando contra essa nova forma de imperialismo. O Qatar, utilizando de uma rede de telecomunicação como forma de poder brando para influenciar e assim alcançar alguns de seus objetivos de agenda, apontou como isso tem sido cada vez mais uma realidade. Assim, a Al Jazeera pode ser entendida como uma vantagem na estratégia da política externa catarense que é ciente de suas inseguranças locais e soube aproveitar das oportunidades para se promover e ao mesmo tempo usar isso como forma de proteção (ROBERTS, 2012).

Retomando Richard Fagen (1971 apud OLIVEIRA, 2010) no entendimento de que todo comportamento político envolve comunicação e Gilboa (1988) que utiliza do termo diplomacia midiática para explicar a mídia como instrumento de manifestação de interesses políticos, pode-se afirmar que, conforme indica Tal Samuel-Azran (2013), o Qatar como um Estado inovador na relação bem-sucedida de mídia-estado. Na era da globalização, usar das mídias como forma de diplomacia exige um planejamento bem-sucedido que coloque o país como ator chave no meio midiático, e que isso foi feito com qualidade pelos catarense que não só alcançaram esse objetivo, como para isso criaram

um novo modelo de diplomacia pública operando a Al-Jazeera como uma rede híbrida patrocinada pelo Estado/privada, transformando efetivamente a rede em uma ferramenta de diplomacia pública altamente potente (SAMUEL-AZRAN, 2013, p. 1293, tradução nossa).

O Qatar inovou ao adaptar essa forma de obter influência estatal utilizando das mídias e esse fato é notório quando

uma estação patrocinada pelo Estado opera de forma independente em assuntos de rotina, o que lhe confere a credibilidade de uma estação privada, e reverte para a transmissão patrocinada pelo Estado apenas durante uma crise envolvendo o Estado. (SAMUEL-AZRAN, 2013, p. 1294, tradução nossa)

Dessa forma, o autor aponta que o Estado financiador da Al Jazeera concede liberdade a rede na maior parte do tempo, porém tendo a segurança de que tomará as redes da narrativa a seu favor assim que uma situação potencialmente grave estiver envolvida. Partindo do exposto por Gilboa (2002) que a mídia, em sua função constrangedora, serve como influenciadora de processos decisórios.

Bar-Tal (2000 apud SAMUEL-AZRAN, 2013) explica que a mídia é peça essencial na determinação de legitimidade de um país e suas ações utilizando de discursos, como Onuf (1998) e Wendt (1992) demonstram ao afirmarem o poder que as palavras detêm em moldar ideias. Na prática, o conflito do Golfo de 2017 demonstra empiricamente como a Al Jazeera é crucial como forma de poder brando do Qatar em questões políticas sensíveis. Como apresentado acima, as relações entre Qatar e a Arábia Saudita sempre foram intensas, seja por alinhamento ou por mais vezes, conflitos. A relação já bastante sensibilizada pelo apoio da Al Jazeera e Qatar aos movimentos da Primavera Árabe em 2011, se aprofundou no ano de 2017 quando mais um desdobramento conflituoso eclodiu quando a Arábia Saudita, Emirados Árabes, Egito e outros aliados cortaram laços com o Qatar devido a acusações a esse último de patrocínio ao terrorismo (AJAOUD, ELMASRY, 2020).

Durante esse período de crise, a Al Jazeera foi um elemento crucial para as estratégias políticas e de defesa do Qatar, tanto que uma das exigências da Arábia e de seus aliados era o fechamento da rede (WINTOUR, 2017 apud AJAOUD, ELMASRY, 2020) uma vez que ela era acusada de uma cobertura subjetiva. Embora quase sempre adotem agendas diferentes, a AJA e a AJE se alinham em um ponto: na defesa de seu Estado financiador. A rede Al Jazeera, nos escritos de Samuel-Azran (2013, p. 1298, tradução nossa) é apresentada como “instrumento político destinado a aumentar a influência internacional do Catar”, ou seja, as críticas dessa rede se aplicam a todos, menos ao governo do catarense, deixando até mesmo de relatar assuntos graves, como violação de direitos humanos. MacFarquhar (2010 apud HASHMI, s/d, p. 4, tradução nossa) já havia discorrido sobre isso e afirmado que “o único país que a Al Jazeera nunca tocou foi seu patrono, o Qatar” e que pode dever parte de sua liberdade de expressão, em uma região tão tradicional, a esse fato.

Essa defesa presente no conteúdo midiático se dá muito pelo enquadramento das notícias. O enquadramento é uma perspectiva importante da comunicação que se refere aos significados sutis, porém penetrantes, contidos nas mensagens, assim “como as mensagens são apresentadas é pelo menos tão importante quanto os fatos que elas contêm” (AJAOUD, ELMASRY, 2020, p. 230, tradução nossa). Esse enquadramento “decorre de várias ‘pressões’: as das elites interessadas, as da opinião pública e as relacionadas aos eventos do mundo real” (McQuail, 2010, p. 515 apud SATTI, 2020, p. 3, tradução nossa).

Analisando o enquadramento de notícias da crise do golfo pela AJE, uma vez que buscamos com esse trabalho observar a força desse canal no contrafluxo hegemônico da informação que acarreta, entre outros fatores até mesmo proteção ao Qatar, nota-se que o enquadramento dos fatos reafirma a sua posição simpatizante e de defesa estatal.

Mohamed Kharbach (2020, p. 1, tradução nossa) analisou os discursos publicados pela rede Al Jazeera English durante o conflito do golfo de 2017 e notou as estratégias tendenciosas usadas nos discursos para “construir modelos mentais subjetivos e quadros de referência para orientar os leitores na compreensão da crise”. Ajaoud e Elmasry (2020) apontam que a AJE usa de recursos lexicais para reafirmar uma posição de vítima do Qatar perante a uma opressão externa, bem como revertendo o discurso ao colocar a Arábia Saudita como associada ao terrorismo e reforçando os custos humanitários e sociais que esse conflito apresentado como uma resposta a primavera árabe, geravam. Herman e Chomsky (1998 apud KHARBACH, 2020, p. 12, tradução nossa) reforçam que

As ideologias são particularmente proeminentes em tempos de crises e guerras, quando múltiplas, geralmente opostas, versões de eventos competem por legitimação. Elas (ideologias) ajudam na construção de discursos hegemônicos por meio dos quais as burocracias estatais e as elites do poder 'fabricam o consentimento

Dado essa afirmação, Kharbach (2020) explana que a utilização da Al Jazeera pelo Qatar no contexto do conflito do golfo de 2017 foi um ponto forte para a imagem, posicionamento e legitimação desse Estado a todos os olhos que se voltavam a essa questão. A rede como um todo buscou em todas as publicações fixar significado positivos ao Qatar diante de uma situação que poderia ser interpretada de diferentes formas pelo sistema internacional, objetivando nesse caminho “ganhar influência política; buscar consenso regional em torno de suas políticas; e avançar sua agenda ideológica, política e econômica” (KHARBACH, 2020, p. 15, tradução nossa). O apresentado acima, retoma a ideia de que a força da mídia influencia diretamente o poder brando de seu Estado financiador, uma vez que os meios de comunicação em massa são essenciais na construção de imagem e no molde de agendas a nível internacional em um sistema globalizado.

CONCLUSÃO

O estudo do desenvolvimento e disseminação de mídias no século XXI, especialmente estatais, facilita a análise das motivações e interesses do Estado atrelados ao uso do poder brando no mundo globalizado. A ligação entre Estado, poder e relações internacionais alcançou patamares nunca vistos com a influência da interdependência no sistema internacional. Seguindo o fluxo em que o sistema se adapta, os Estados ampliaram a sua forma de ver as relações de poder, se atentando ao exercício de outras formas além do tradicional uso da força para sobrevivência e relevância.

Nye (2011) explicou isso ao discorrer sobre o poder brando e suas faces. Para o autor a primeira dela se refere ao uso de recompensas ou coerção para alterar as preferências e estratégias, quando as duas últimas faces são caracterizadas pelo controle de agendas e a influência sobre o estabelecimento de preferência. Nye (2011, p. 16, tradução nossa) afirma que “na política global, alguns objetivos que o estado busca são mais suscetíveis à segunda e terceira face do que à primeira”. As mídias, apesar de historicamente já serem utilizadas como um trunfo, se destacaram como uma das faces desse poder, impulsionadas pela globalização que intensificou e acelerou como nunca as trocas globais.

Embora tenha seu lado positivo, a globalização que facilitou os intercâmbios globais também ressaltou as diferenças. Notou-se que não era só no âmbito socioeconômico que havia divisão entre os países, mas o fluxo de informações globais também era quase totalmente unidirecional. Como afirmou Santos (2010, p. 153), havia “uma tendência a se elaborar estratégias de comunicação que perpetuem o poder instituído pelas elites detentoras do poder econômico e político”. Assim, a mídia e os aparatos que a constituem refletem o sistema e as atividades subentendidas das elites políticas mundiais.

Movidos pela vontade de serem ouvidos e utilizando dos recursos cabíveis às suas realidades, notou-se um movimento dos Estados em desenvolvimento associado com o número crescente das mídias estatais como instrumentos de poder brando no século XXI. Apesar dessa temática ganhar destaque e se desenvolver no século XXI, Reynolds (1980) já levantava questionamentos sobre isso, ao notar uma progressiva mudança estrutural nesses países que apontam que eles buscam novas formas de combinar os interesses nacionais com comportamento econômico e mudanças

sociopolíticas. Os países considerados “periferia” frente às potências mundiais consolidadas, investiram fortemente no uso do poder brando das mídias na era da globalização para ir contra esse fluxo hegemônico de informações.

Apesar da estratégia de criação de redes de comunicação não serem uma ação exclusiva de um único Estado no sistema, algumas dessas redes estatais financiadas por governos ganharam destaque por sua desenvoltura e alcance a nível global, tal qual a rede de comunicações árabe Al Jazeera. A Al Jazeera tornou-se um grande exemplo de uma rede que apesar das diversas barreiras culturais, linguísticas, sociais entre outras conseguiu estabelecer uma marca que é lembrado quando se trata de informações. A rede catarense que ficou mundialmente conhecida por desafiar a hegemonia ocidental de notícias, é uma forte aliada aos desafios enfrentados por seu Estado anfitrião e financiador.

Por diversas questões, algumas das quais já destacadas anteriormente, o Qatar enfrenta desafios e lida há alguns anos com a rivalidade com a Arábia Saudita e seus aliados. A tensão na região do Golfo, que se estende já por anos e que teve sua uma nova fase inaugurada em 2017 com o rompimento diplomático dos países aliados a Arábia Saudita com o Qatar, demonstra mais uma vez o quanto as mídias se constituem como aparatos imprescindíveis atualmente. Essa ruptura que eclodiu pela publicação de um artigo da *Qatar News Agency* (QNA), apresentava um “suposto elogio e apoio do Emir Tamim bin Hamad al-Thani ao Irã, ao movimento palestino Hamas e ao grupo libanês Hezbollah, todas entidades relacionadas ao terrorismo aos olhos da Arábia Saudita e seus aliados” (KHARBACH, 2020, p. 2, tradução nossa).

Diante dessa e outras problemáticas, retoma-se o objetivo inicial de analisar o interesse dos Estados na disseminação e desenvolvimento das mídias estatais no século XXI e entendeu-se que a Al Jazeera é utilizada como uma arma branda na guerra de notícias. Seja pela forma que ela é usada no ocidente como objeto representativo da voz dos que não tem voz ou pela forma a qual ela é usada regionalmente para proteção e disseminação da marca positiva do Qatar.

Como apontado anteriormente, no primeiro caso a Al Jazeera conta com a sua versão internacional, AJE, que como dados indicam, contam com um número alto em audiência em seus canais, principalmente online. Além do mais, a AJE conseguiu se estabelecer como referência em informação, uma vez que a maioria de seu fluxo de acessos vem de potências ocidentais, como Estados Unidos, onde inclusive a AJE

consegue competir em números com redes tradicionais, mesmo que seja uma rede mais jovem e que enfrentou diversos problemas em seu caminho até os dias atuais.

Tratando-se de questões regionais, a versão original em árabe da rede continua cumprindo sua função de criação e gerenciar a imagem do Qatar perante os vizinhos próximos e diante daqueles que consomem o seu conteúdo. A AJA mantém números expressivos de consumo, tida como uma rede confiável pelo público árabe, conta com um grande fluxo de audiência vindo dos Estados Unidos, mesmo que aborde assuntos específicos do Oriente Médio, demonstrando que sua marca positiva não é limitada às suas fronteiras e língua, quando se refere a busca por informações. Cabe destacar que a mídia e a política estão fortemente entrelaçadas no mundo árabe, como Badreya e Rugh (2014, 2007 apud Kharbach, 2020) apontam, existe uma forte guerra ideológica entre o Qatar e demais países vizinhos e os discursos são peças-chaves nesse embate, uma vez que os discursos das mídias árabes mudam continuamente em prol de beneficiar quem está no poder.

Dessa forma, pode-se concluir que a partir do século XXI, em especial, os discursos estatais foram ampliados pela mídia massiva e se tornaram instrumentos respeitáveis de poder brando dos Estados. O Qatar e a rede de telecomunicações Al Jazeera são referências nessa manobra, uma vez que reconhecem o poder das ideias e fazem uso estratégico de seus instrumentos para legitimar narrativas e ideologias (KHARBACH, 2020). Elizabeth Bates (1975, p. 351 apud Kharbach, 2020, p. 14) mostra que “o homem não é governado apenas pela força, mas também por ideias”, fato favorável aos Estados periféricos que viram no investimento das mídias estatais uma forma de se posicionarem frente ao fluxo de informações mundiais, buscando estabelecer suas versões dos fatos e de construírem de forma autônoma, a imagem de seus próprios Estados.

REFERÊNCIAS

AJAOUD; Soukaina; ELMASRY, Mohamad Hamas. When news is the crisis: Al Jazeera and Al Arabiya framing of the 2017 Gulf conflict. **Global Media and Communication**, v. 16(2), p. 227–242, 2020.

AL JAZEERA ENGLISH PRESS KIT, 2014. Disponível em: <https://network.aljazeera.net/assets-and-press-material>. Acesso em: 24 abr. 2022.

AL JAZEERA, 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/>. Acesso em: 05 abr. 2022.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. A globalização e o desenvolvimento: vantagens e desvantagens de um processo indomável. Centro de Ensino Unificado de Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267701963>. Acesso em: 24 mar. 2022.

BAILLIET, Cecilia M. Reinterpreting Human Rights through Global Media: A Case Study of Al Jazeera English. **Canadian Journal of Human Rights**, v.2, 2013.

BECK, Ulrich. **O que é globalização?** Equívocos do globalismo: respostas à globalização. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 39-120.

BOMFIM, Ivan. Construindo Realidades: A transdisciplinaridade entre jornalismo e Relações Internacionais. **SBPJor**, São Luís, nov, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/28964818/Construindo_realidades_a_transdisciplinaridade_entre_Jornalismo_e_Relacoes_Internacionais. Acesso em: 28 out. 2021.

BULL, Hedley. **A sociedade Anárquica – Um estudo da ordem na política mundial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

COBAN, Filiz. The Role of the Media in International Relations: From the CNN Effect to the Al –Jazeera Effect. **Journal of International Relations and Foreign Policy**, v. 4, n. 2, p. 45-61, 2016.

COBB, Roger W.; ELDER, Charles D. Communication and public policy. In: NIMMO, Dan. D.; SANDERS, Keith R (Orgs). **Handbook at political communication**. Bervely Hills, L.A.: Sage Publications, p. 392, 1981.

CORRÊA, Fernanda das Graças. A baçança de poder sob a ótica de Kenneth Waltz: uma discussão da teoria sistêmica. **Revista InterAção**, v. 11, n. 11, jul.-dez., 2016. Disponível: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/29398/16450>. Acesso em: 28 out. 2021.

COUNTRY ECONOMY, 2022. Disponível em: <https://countryeconomy.com/>. Acesso em: 25 abr 2022.

CRILLEY, Rhys; GILLESPIE, Marie; KAZAKOV, Vitaly; WILLIS, Alistair. Russia isn't a country of Putins: How RT bridged the credibility gap in Russian public diplomacy

during the 2018 FIFA World Cup. **The British Journal of Politics and International Relations**, Glasgow, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13691481211013713>. Acesso em: 02 abr 2022.

DUPAS, Gilberto. Ética e poder na sociedade da informação; revendo o mito do progresso. **Revista Brasileira de Educação**, n. 18, p. 117-122, set.- dez., 2001.

ERLANGER, Steven. Russia's RT Network: Is It More BBC or K.G.B.? **The New York Times**, 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/08/world/europe/russias-rt-network-is-it-more-bbc-or-kgb.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 20 nov. 2021.

FAGUNDEZ, Paulo Roney Ávila; SILVA, Vera Lucia da. Países Centrais e Periféricos na Pós-Modernidade? A Necessária Relação entre Ocidente e Oriente Para a Sustentabilidade Ambiental. **Conpedi Law Review**, Espanha, v. 2, n.3, p. 204-219, 2016. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/conpedireview/article/view/3632>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FIORI, José Luís. **A governabilidade democrática na nova ordem econômica**. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1995.

GILBOA, Eytan. Global Communication and Foreign Policy. **Journal of Communication**; v. 52, n. 4. dez., 2002 Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.14602466.2002.tb02571.x>. Acesso em: 05 mar. 2022.

GILBOA, Eytan. Media Diplomacy: Conceptual Divergence and Applications. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 3, n. 3, p. 56-75, junho, 1988. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1081180X98003003005>. Acesso em: 02 abr. 2022.

GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Política Internacional: Fundamentos Teóricos e as Relações Internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

HARMON, Matthew T. The Media, Technology, and United States Foreign Policy: A Re-examination of the "CNN Effect". **Swords & Ploughshares: A Journal of International Relations**, v. 8, n. 2, 1999. Disponível em: https://kipdf.com/the-media-technology-and-united-states-foreign-policy-a-re-examination-of-the-cn_5aeabec57f8b9aae368b45e1.html. Acesso em: 08 abr. 2022.

HASHMI, Muhammad Ali. Al Jazeera: A Reversal Of Perspective. **Kellog/Medill Northwestern**, s/d. Disponível em: https://web.media.mit.edu/~a_hashmi/portfolio/audience_report_al_jazeera_ali_hashmi_medill.pdf . Acesso em: 17 abr 2022.

HOBBS, Thomas. Da condição natural da humanidade relativamente à sua felicidade e miséria. In: _____. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 45- 47.

HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IANNI, Octavio. Globalização e Neoliberalismo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, 1998. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n02/v12n02_03.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

KEOHANE, Robert O.; NYE, Joseph S. **Power and Interdependence**. 4th ed. Glenview: Pearson, 2012. p. 1-53.

KHARBACH, Mohamed. Understanding the ideological construction of the Gulf crisis in Arab media discourse: A critical discourse analytic study of the headlines of Al Arabiya English and Al Jazeera English. **Discourse & Communication**, p. 1–19, 2020.

LAUB, Zachary. **How Al Jazeera Amplifies Qatar's Clout**. Council on Foreign Relations, 2017. Disponível em: <https://www.cfr.org/backgrounders/how-al-jazeera-amplifies-qatars-clout>. Acesso em: 28 abr. 2022.

LI, Eric X. The rise and fall of soft power. Washington DC: **Foreign Policy**, Agosto, 2018. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2018/08/20/the-rise-and-fall-of-soft-power/>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MANELA, Erez. Fighting for the Mind of Mankind. In: _____. **The Wilsonian Moment: Self-Determination and the International Origins of Anticolonial Nationalism**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2007, p. 35-53.

MARTINEZ, Patrick. Catar, um pequeno gigante. Programa Universitário de Estudos Asiáticos e Africanos, 2021. Disponível em: <http://pueaa.unam.mx/blog/qatar-un-pequeno-gigante>. Acesso em: 01 mai 2022.

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a prática política. **Lua Nova**, n. 55-56, p. 155-184, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/5Gcb9c7zydHkDNxNHsR8mPF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MILADI, Nouredine. Satellite TV News and the Arab Diaspora in Britain: Comparing Al Jazeera, the BBC and CNN. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 32, n. 6, p. 947-960, 2006.

MORGENTHAU, Hans J. Poder Político. In: _____. **A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz**. Tradução Oswaldo Biato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, p. 49-86.

NOGUEIRA, Silvia Garcia; RIBEIRO, Alana Maria. A Telesur e a Construção Simbólica da Integração Latino-Americana durante e depois da Era Chávez. **Revista Sul-Americana de Ciência Política**, v. 1, n. 3, p. 123-131, set.-dez., 2013.

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rsulacp/article/view/3326>. Acesso em: 21 mar. 2022.

NOGUEIRA, Silvia. Reflexões sobre o papel da mídia na construção do nationess: os casos da Telesur e da Al-Jazeera. **Carta Internacional**, vol. 7, n. 2, p. 117-126, jul.- dez., 2012. Disponível em:

<https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/61/46>. Acesso em: 21 mar. 2022.

NYE, Joseph S. **Putin's Rules of Attraction**. Project Syndicate, 2014. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/putin-soft-power-declining-by-joseph-s--nye-2014-12?barrier=accesspaylog>. Acesso em: 02 de abr de 2022.

NYE, Joseph S. Soft power: the evolution of a concept, *Journal of Political Power*. **Journal of Political Power**, fevereiro, 2021. Disponível em:

<https://www.softpowerclub.org/wp-content/uploads/2021/03/Nye-Soft-power-the-evolution-of-a-concept-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2022.

NYE, Joseph S. **The future of power**. New York: Public Affairs, 2011.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. **A mídia como ator emergente das Relações Internacionais**: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios das mudanças climáticas. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94242/284318.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ONUF, Nicholas. Constructivism: a user's manual. In: **International relations in a constructed world**. KUBÁLKOVÁ, Vendulka; ONUF, Nicholas; KOWERT, Paul (ed.). 59-64. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 1998.

PINTAK, Lawrence. **The Al Jazeera Revolution**. *Foreign Policy*, 2011. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2011/02/02/the-al-jazeera-revolution/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

POWERS, Shawn. Review of The Al Jazeera Effect. **Journal of Middle East Media**, Washington, v. 6, p. 77-83, set.-nov., 2010. Disponível em:

http://www.qu.edu.qa/file_source/qu/conference/jmem2017/Vol/6/En/The%20AI%20Jazeera%20Effect.pdf. Acesso em: 10 nov. 2021

REYNOLDS, Clark W. Algumas implicações do intercâmbio global entre países ricos e pobres, o exemplo dos EUA. **Rev. Adm. Emp.**, p. 35-41, abr.-jun., 1980. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/39587/38327>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RIZZOTO, Carla Candida; CATALINA, Cora. **A invasão silenciosa do terrorismo midiático na América Latina**. Paraná: Universidade Tuiuti, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/A%20invasao%20silenciosa.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2022.

ROBERTS, David B. Understanding Qatar's Foreign Policy Objectives. **Mediterranean Politics**, v.17, p. 233-239, 2012.

RODRIGUES, Georgia G. Do Efeito CNN ao Efeito Al Jazeera: a mídia como ator das Relações Internacionais. **Academia: Accelerating the world's research**, (s/d).

RT. About RT. **RT**, 2022. Disponível em: <https://www.rt.com/about-us/>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAMUEL-AZRAN, Tal. Al-Jazeera, Qatar, and New Tactics in State-Sponsored Media Diplomacy. **American Behavioral Scientist**, v. 57(9), p. 1293-1311, 2013.

SAMUEL-AZRAN; Tal; HAYAT, Tsahi. Counter-hegemonic contra-flow and the Al Jazeera America fiasco: A social network analysis of Al Jazeera America's Twitter users. **Global Media and Communication**, p. 1–16, 2017.

SATTI, Mohamed A. Al Jazeera Arabic and Al Jazeera English Websites: Agenda-Setting as a Means to Comparatively Analyze Online News Stories. **Communication & Society**, v. 33, n.1, p. 1-13, 2020.

SEIB, Philip. Hegemonic No More: Western Media, the Rise of Al-Jazeera, and the Influence of Diverse Voices. **International Studies Review**, v. 7, n. 4, p. 601-615, 2005.

SIMILAR WEB, 2022. Disponível em: <https://www.similarweb.com/pt/>. Acesso em: 25 abr 2022.

SOCIAL BLADE, 2022. Disponível em: <https://socialblade.com/>. Acesso em: 24 abr de 2022.

TELESUR. Sobre TeleSUR. **TeleSUR**, 2022. Disponível em: <https://www.telesurtv.net/pages/sobrenosotros.html> . Acesso em 24 nov. 2021.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Trad. de Wagner de Oliveira Brandão. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 19-46.

VASCONCELLOS, Vinícius Vargas. **O governo Hugo Chávez e a política externa venezuelana no continente americano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VISIT QATAR, 2022. Disponível em: <https://www.visitqatar.qa/intl-en>. Acesos em: 10 mai 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. A política do universalismo hoje em dia. In: _____. **O universalismo europeu: a retórica do poder**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

WATSON, Adam. **A evolução da sociedade internacional: Uma análise histórica comparativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WENDT, Alexander. Anarchy is what states make of it: the Social Construction of Power Politics. In: **International Organization**, vol. 46, no. 2. Cambridge, MA: The MIT Press, 1992.

WINTOUR, Patrick; RANKIN, Jennifer; CONNOLLY, Kate. EU to ban Russian state-backed channels RT and Sputnik. **The Guardian**, 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/media/2022/feb/27/eu-ban-russian-state-backed-channels-rt-sputnik>. Acesso em: 20 mai 2022.

WORLD BANK, 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 10 mai de 2022.

YABLOKOV, Ilya. Conspiracy Theories as a Russian Public Diplomacy Tool: The Case of Russia Today (RT). **Political Studies Association**, v. 35, p. 301–315, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-9256.12097>. Acesso em: 02 abr. 2022.

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

ANEXO I
APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

A estudante BRUNNA EMANUELE SOARES LAGO do Curso de Relações Internacionais matrícula 20182004300068 telefone: (64) 9 92909996 e-mail brunna_lago@hotmail.com na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A questão mídia-Estado no século XXI: uma análise da rede de comunicação Al Jazeera”, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 13 de junho de 2022.

Assinatura do(s) autor(es):



Nome completo do(s) autor(es): Brunna Emanuele Soares Lago

Assinatura do professor-orientador:



Nome completo do professor-orientador: Danilo Alarcon